

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

DARBI MASSON SUFICIER

RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O CASO DA FCL/AR



ARARAQUARA – S.P.
2013

DARBI MASSON SUFICIER

RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O CASO DA FCL/AR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

ARARAQUARA – S.P.
2013

Suficier, Darbi Masson

Retratos Sociológicos De Estudantes De Pedagogia: O Caso
Da Fcl/Ar / Darbi Masson Suficier – 2013

103 F.; 30 Cm

Dissertação (Mestrado Em Educação Escolar) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade De Ciências E
Letras, Campus De Araraquara

Orientador: Luci Regina Muzzeti

1. Educação. 2. Trajetória Social. 3. Estudantes De Pedagogia.
4. Fcl/Ar. 5. Retratos Sociológicos. I. Título.

DARBI MASSON SUFICIER

RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O CASO DA FCL/AR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual
Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

Data da defesa: 28/02/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
UNESP/FCLAR/ARARAQUARA

Membro Titular: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
UNIARA/ARARAQUARA

Membro Titular: Profa. Dra. Flávia Baccin Fiorante Inforsato
FIEL/LIMEIRA

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*Para meus sobrinhos **João Pedro e Rafael.***

*Para minha mãe **Maria Masson,** meu irmão **Petercilles** e meu
pai **Benedicto Romildo Suficier.***

*À memória de meu irmão **Frederico Masson Suficier.***

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho, seja com uma palavra de apoio, pela atenção, uma indicação bibliográfica, seja com uma crítica ou um apontamento de erro, mas, principalmente, pelas frutíferas discussões e pela paciência que tiveram comigo. Certamente, não estarão todos aqui, mas que as amizades construídas durante esse percurso permaneçam.

À professora doutora Luci Regina Muzzeti, com muita gratidão e estima, pela dedicada orientação e constante incentivo.

Aos professores doutores Fábio Tadeu Reina e Flávia Baccin Fiorante Inforsato, pelas participações nas bancas de qualificação e defesa, bem como pela generosidade na leitura e as contribuições para a conclusão deste trabalho.

À minha mãe Maria Masson, pelo apoio, incentivo e amor.

Ao meu irmão Petercilles Masson Suficier e a sua esposa Natália Arroyo Montagnana Suficier, pelo apoio e por trazerem ao mundo o João Pedro e o Rafael.

Aos meus professores.

Aos estudantes de Pedagogia que participaram desta pesquisa, pela generosa colaboração.

Ao doutorando William Alexandre Manzan, pela leitura atenta e contribuição.

Aos amigos da pós-graduação Antônio Netto Júnior, Ricardo Eleutério dos Anjos, Ekristayne Medeiros da Silva, Alexandre César Portella, Hermann Muller, Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Talita Mazzini Lopes, Adriana Bellotti, Gregory Cinto, Flávia Moreira Passalacqua, Luciana Ponce, Jardel Pereira, Lenita Carmello de Almeida, Katherine Cortiana Fagundes, Júlia Malanchen, Carlos Diniz, Ana Scanfella, Maria Teresa Garbin Machado e Virgínia Ávila.

Aos amigos Paulo Henrique Andreoli, Bruna Aline Scaramboni, Deborah Stefanini, Greice Kelli Christovam, Taís Pinheiro de Souza Moura, Anderson Garcia e Arianne Torrezam (pais do Augusto), Isis Zago Biasetti, Ceres Galvão, Rafael Francisco Campos Pianno, Gustavo Guadagnucci Fontanari, Marcio José Mendes, José Carlos Mendes e Everton Garcia Rodrigues pelo incentivo.

Aos amigos Alexandre da Silva Biazioilli, Bebê (Bernadeth) Cortese e Willian Souza Santos, pela colaboração e paciência.

À servidora técnica-administrativa da seção de Pós-Graduação Lidiane Mattos Mauricio Garcia, pela competência, atenção e simpatia.

Aos servidores técnico-administrativos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, principalmente aos porteiros e aos servidores das seções de Graduação, Pós-Graduação e STAEPE.

“Ela falou: ‘imagina, você passou tudo o que passou pra entrar e agora que você está lá dentro você vai...’”.
Fabiana (Retrato Sociológico Sete)

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que analisou a trajetória social de oito estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP ingressantes em 2008. Embasado conceitualmente nos trabalhos de Pierre Bourdieu, foram utilizados, principalmente, os conceitos de espaço social, capital cultural, capital social, capital econômico, habitus e trajetória social. Na primeira fase da pesquisa foram coletados dados através de questionário de 60 estudantes concluintes do curso de Pedagogia no ano de 2011 visando à caracterização socioeconômica do grupo pesquisado. Conforme indicado por Schrader (2002), o questionário coletou dados através de indicadores sociais objetivos. Na segunda fase, após a elaboração de um roteiro de entrevistas baseado no trabalho de Muzzeti (2007), foram selecionados oito estudantes com diferentes trajetórias de escolarização para serem entrevistados. Após as entrevistas, elaborou-se um retrato sociológico individual dos agentes entrevistados através de um conjunto de variáveis (origem social, trajetória de escolarização e percurso universitário) conforme a metodologia empregada por Lahire (2004) e Costa e Lopes (2008). Cada retrato sociológico foi analisado como um estudo de caso. Verificou-se que, no grupo de oito agentes entrevistados, as singularidades de cada trajetória, as diferentes origens sociais e as diferentes quantidades de capitais, não tendem a representar grandes distâncias sociais. Por outro lado, mesmo com um grande número de regularidades, cada trajetória social é única.

Palavras – chave: trajetória social, estudantes de Pedagogia, FCLAR, retratos sociológicos.

ABSTRACT

This work presents the results of a survey that analyzed the social trajectory of eight students from course of Pedagogy of Faculty of Sciences and Letters of Araraquara - UNESP freshmen of 2008. Conceptually grounded in the work of Pierre Bourdieu, we used mainly the concepts of social space, cultural capital, social capital, economic capital, habitus and social trajectory. In the first phase of the research data were collected through a questionnaire of 60 graduating students of Pedagogy in 2011 aimed at the socioeconomic characteristics of the studied group. As indicated by Schrader (2002), the questionnaire collected data through objective social indicators. In the second phase, after the preparation of an interview guide based on the work of Muzzeti (2007), we selected eight students with different trajectories of schooling to be interviewed. After the interviews, was elaborate a sociological portrait of individual agents interviewed through a set of variables (social origin, course enrollment and college course) according to the methodology employed by Lahire (2004) and Costa and Lopes (2008). Each sociological portrait was analyzed as a case study. It was found that in the group of eight agents interviewed, the characteristics of each trajectory, the different social and different amounts of capital are not likely to pose great social distances. Moreover, even with a large number of regularities, each social path is unique.

Keywords: social trajectory, Pedagogy students, FCL / AR, sociological portraits.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FCL/AR	Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PET	Programa de Educação Tutorial
USP	Universidade de São Paulo
VUNESP	Fundação para o vestibular da UNESP
FUVEST	Fundação universitária para o vestibular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A TEORIA ENQUANTO MÉTODO DE PESQUISA	15
1.1 Trajetória e espaço social	15
1.2 O habitus	18
1.3 Capital econômico, capital cultural, capital social e estratégias	19
1.4 Trajetórias: escolha e análise dos aspectos sociais investigados	23
1.4.1 Aspectos sociais investigados	24
2 MATERIAIS E MÉTODOS	26
2.1 Local da Pesquisa	26
2.2 Os participantes da pesquisa e os critérios de seleção	27
2.3 Instrumentos e materiais	29
2.3.1 Questionário	29
2.3.2 A entrevista	30
2.3.3 Metodologia utilizada na relação entre entrevistador e entrevistados	30
2.3.4 Apontamentos da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistados	34
3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA FCL/AR	36
3.1 Características gerais dos estudantes	36
3.2 Origem social	37
3.3 A escolha do curso superior	39
4 RETRATOS SOCIOLÓGICOS	40
4.1 Retrato sociológico um – Amanda	41
4.2 Retrato sociológico dois – Bruna	50
4.3 Retrato sociológico três – Célia	55
4.4 Retrato sociológico quatro – Daiane	60
4.5 Retrato sociológico cinco – Elisa	64
4.6 Retrato sociológico seis – Fabiana	69
4.7 Retrato sociológico sete – Gabriela	75
4.8 Retrato sociológico oito – Helena	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	90
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	91

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	93
APÊNDICE C – TABELA 1 – Percurso Escolar dos Estudantes	99
APÊNDICE D – TABELA 2 – Profissão e escolaridade dos pais dos estudantes	100
APÊNDICE E – TABELA 3 – Profissão e escolaridade das mães dos estudantes	101
APÊNDICE F – TABELA 4 – Renda Familiar dos Estudantes	102
APÊNDICE G – TABELA 5 – Primeira opção de escolha do curso superior	103

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada nesta dissertação objetivou analisar a trajetória de um grupo de graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Araraquara através da elaboração de retratos sociológicos individuais. Assim, o entendimento da trajetória social individual desse grupo de agentes é o objetivo central deste trabalho.

Baseado no referencial teórico desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, a pesquisa (da elaboração do projeto as considerações finais) está ancorada em seu conceito de *habitus*, mas com as premissas apontadas por Boltanski:

Com efeito, uma sociologia centrada no conceito de *habitus* não pode deixar de fazer uma reflexão que se baseia em sua articulação com outras noções e, sobretudo, com aquela de situação. (2005, p. 162).

Compreende-se o *habitus* como sistema de disposições duráveis, gerador e estruturador das práticas e das representações desses agentes (Bourdieu, 1983). A utilização do conceito de *habitus* pressupõe um conjunto de outros instrumentos de análise, tais como os conceitos de capital social, econômico e cultural e as noções de estratégia e espaço social. Neste trabalho, a noção de trajetória, compreendida “como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente” (Bourdieu, 2003, p. 81), ocupa posição central na construção dos retratos sociológicos.

A forma de exposição da trajetória social dos agentes e de sua análise é a de retratos sociológicos presentes em Lahire (2004) e Costa e Lopes (2008). Conforme indicação de Costa e Lopes (2008, p. 383), buscou-se “encarar cada retrato sociológico como um caso”. Com isso, o conjunto de aspectos sociais verificados não pretende esgotar as trajetórias dos agentes pesquisados, mas objetivar seus *habitus* através de uma análise sociológica individual, ou seja, compreender a trajetória dos agentes dentro dos espaços sociais frequentados, suas disposições e condicionantes. Os retratos sociológicos não possuem nenhum vínculo, seja de proximidade ou de método, com o que Bourdieu (2002) definiu como “ilusão biográfica” e que Passeron (1995) chamou de “utopia biográfica”. Ocorre também que: “a ideia de apreender certas complexidades individuais [...] não corresponde à pesquisa ilusória da totalidade complexa de uma pessoa singular” (Lahire, 2004, p. IX). Assim, na falta de uma definição conceitual de retrato sociológico nas obras citadas, aqui ele é apreendido enquanto a trajetória social

do agente analisada sociologicamente, ou seja, um conjunto de aspectos da trajetória social individual analisada segundo um *corpus* conceitual. O objeto da pesquisa, sua temática e a utilização do referencial teórico bourdieusiano surgiu da necessidade de se compreender as trajetórias sociais de indivíduos singulares que optaram pela carreira no magistério.

A presente dissertação está estruturada em quatro seções. Na primeira seção, intitulada “A teoria enquanto método de pesquisa” se apresenta o referencial teórico utilizado com a definição conceitual e a elaboração de um conjunto de variáveis presentes nas coletas de dados e análises. Com isso, objetivou-se que os principais aspectos da pesquisa, incluídos a construção dos materiais de coleta, estivessem expostos neste trabalho.

Na segunda seção, intitulada “Materiais e métodos”, estão expostos como foram elaborados os instrumentos de coleta dos dados e escolha dos participantes, bem como a metodologia utilizada na relação entre pesquisador e pesquisado. Ao indicar a amostra selecionada para as entrevistas, ou seja, para a elaboração dos retratos sociológicos, são apresentados os estudantes, ainda que por meio de poucas variáveis.

Na terceira seção, intitulada “Perfil socioeconômico dos estudantes de Pedagogia da FCL/AR” apresenta os dados e resultados obtidos através da aplicação de questionário aos alunos concluintes do curso de Pedagogia no ano de 2011. Tem por objetivo desvelar o perfil socioeconômico desse grupo de estudantes. Assim, complementam-se os dados apresentados na segunda seção com uma visão mais ampla sobre os aspectos socioeconômicos verificados. Ressalta-se que, ao apresentar esse perfil antes dos retratos sociológicos, objetiva-se expor ao leitor uma visão ampla dos estudantes pesquisados.

A quarta e última seção, intitulada “Retratos sociológicos” apresenta os oito retratos sociológicos analisados individualmente. Em cada retrato sociológico estão as trajetórias sociais analisadas e, ao seu término, um breve resumo dos aspectos mais relevantes de cada trajetória.

Por fim, apresentam-se as considerações finais deste trabalho.

1 A TEORIA ENQUANTO MÉTODO DE PESQUISA

Nesta seção serão apresentadas, primeiramente, as noções bourdieusianas de trajetória e espaço social, os conceitos de *habitus*, capital cultural e capital social, capital econômico, bem como a noção de estratégia. No percurso conceitual da pesquisa, elencou-se um conjunto de categorias e conceitos destinados a corroborar com o entendimento da realidade social de um conjunto de indivíduos que ingressaram no ensino superior no mesmo ano (2008), curso (Pedagogia) e instituição (UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara).

1.1. Trajetória e espaço social

A noção de trajetória social, em que o indivíduo transita pelo espaço social, busca substituir a análise meramente biográfica pela análise sociológica, científica e metodologicamente pautada pela busca do entendimento da construção social do agente. Conforme aponta Passeron (1995, p. 205), a abordagem biográfica não seduz pela ausência de sentido ou pela incoerência, mas, justamente, pelo “excesso de sentido e de coerência”, ou, segundo Bourdieu (2003, p. 75) “na preocupação de atribuir sentido, de encontrar uma razão, de descobrir uma lógica [...]”. Com isso, não pretende-se, através da tentativa aqui proposta de construção de uma ordenação coerente da trajetória social dos agentes pesquisados, preencher todos os aspectos dessas trajetórias em uma tentativa meramente biográfica de analisar a vida do outro por uma curiosidade de cunho biográfico.

O que se propõe é a análise da trajetória social, tendo como referência principal a origem social do agente. Enquanto busca pelo entendimento dos aspectos condicionantes e de suas disposições, ou seja, como foram construídas socialmente essas trajetórias, utiliza-se a noção bourdieusiana de trajetória. Bourdieu (2003, p. 81) diz que: “[...] a noção de *trajetória* como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a transformações incessantes”. A noção de trajetória ressalta os

movimentos e transformações vivenciados pelo agente, distanciando-se assim da linearidade e coerência de uma abordagem biográfica. Adiante, Bourdieu diz:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um “sujeito” cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2003, p. 81).

Por sua vez, a noção sociológica objetiva compreender esse trajeto através do conjunto de relações sociais estabelecidas entre os agentes e os espaços sociais. Para Bourdieu:

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (“superior, “média” ou “inferior”) numa dada estrutura e um dado momento. O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido do *trajeto social*. (BOURDIEU, 2009a, p. 7).

Através dessa posição relativa e mutável pelas experiências individuais e coletivas, há um constante movimento social, ou seja, essa trajetória é social, pois o agente transita por diferentes espaços sociais, próximos ou distantes de sua realidade cotidiana e de seu local de origem. Assim, compreende-se que a percepção sobre os diferentes espaços sociais pode ser mutável conforme a trajetória social de cada um. Ao nascer, o agente carrega consigo um conjunto de características sociais herdadas de seus familiares através do convívio nos primeiros anos de vida, ou seja, a trajetória social de um agente deve ser analisada partindo de informações básicas do trajeto de pais e avós. O ponto de partida da trajetória social não corresponde à origem social estática, ou seja, a posição social familiar no momento do nascimento (local, posse de capitais, etc.) e sim ao percurso de uma trajetória já em movimento. Assim, sua singularidade não pode ser confundida com independência ou mera individualidade.

Bourdieu (2009b, p. 160) diz que, ao comparar o espaço social a um espaço geográfico, o espaço social tende a “funcionar como espaço simbólico”, ou seja, em que há diferentes grupos, que “são caracterizados por diferentes estilos de vida”. Assim, dentre os diversos espaços sociais, há aqueles com maior ou menor fluxo de agentes de diferentes trajetórias e de diferentes locais de origem. Diz Bourdieu:

É possível, a esta altura da exposição, comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades em

comum eles terão. As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação do espaço, as pessoas próximas no espaço social tentem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico”. (BOURDIEU, 2009b, p. 153).

Com isso, compreende-se que, mesmo na mais simples das trajetórias sociais, de pouco movimento social, ocorre à interação com agentes de outros pontos do espaço social, ainda que, conforme ressalta Bourdieu, por um breve tempo. A estrutura do espaço social, segundo Bourdieu, em seus diferentes contextos manifesta-se “sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social” (Bourdieu, 1997, p. 160). É através da exclusão mútua das partes, da distinção, da hierarquização e do pertencimento ou não que o agente constrói sua trajetória. É no espaço social que as diferenças sociais se constituem e se apresentam. Para Bourdieu (1997, p. 160), “o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos *confusa*”, pois é no espaço físico (residência, local de trabalho, ambientes frequentados, etc.) que ocorrem as diferenciações sociais que tendem a definir determinados papéis aos lugares. Ocorre que, “sob pena de se sentirem *deslocados*, os que penetram em um espaço social devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes” (Bourdieu, 1997, p. 165). Conforme aponta Bourdieu:

Mais geralmente, as surdas injunções e os chamados silenciosos à ordem das estruturas do espaço físico apropriado são uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferência (BOURDIEU, 1997, p. 162).

O deslocamento entre os diferentes espaços sociais exige que o agente, na concepção bourdieusiana, apreenda as regras próprias dos novos espaços, pois, em seu espaço social de origem, o agente já incorporou, por vias diretas ou indiretas, essas regras. Para o autor “[...] o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)” (Bourdieu, 2003, p. 21).

Assim, a trajetória social constituída como percurso pelos espaços sociais ocorre com a intermediação do *habitus*, sistema de disposições duráveis. Através do processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade, o agente desenvolve, reproduz e reestrutura seu *habitus*.

1.2. O *Habitus*

O *habitus* é o conceito central da teoria sociológica bourdieusiana. Trata-se, nas palavras de Bourdieu, do “que o mundo social desenha” e que se inscreve “em uma natureza biológica e se torna *habitus*” (Bourdieu, 1999, p. 64). Para Bourdieu (1983, p. 75): “É sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*”. Assim, as ações e percepções (Bourdieu, 2003, p. 144) do agente, ou seja, suas “disposições duráveis” (Bourdieu, 1983, p. 60), as formas de apreensão do social, fazem do *habitus* o:

[...] princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora do agente. (BOURDIEU, 1983, p. 61).

O *habitus* atua sobre as ações conscientes e inconscientes do agente, sobre suas práticas cotidianas, suas escolhas e sua percepção de mundo enquanto “princípios de visão e de divisão de aplicação muito geral” (Bourdieu, 2007, p. 170). Bourdieu diz que:

A palavra disposição parece particularmente apropriada para exprimir o que recobre o conceito de *habitus* (definido como sistema de disposições): com efeito, ele exprime, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora, apresentando então um sentido próximo ao de palavras tais como estrutura; designa, por outro lado, uma maneira de ser, um estado habitual (em particular do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação. (BOURDIEU, 1983, p. 61).

Assim, o *habitus*, de forma constante, é tudo aquilo que o agente incorpora durante sua trajetória. Para o autor:

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de *envelhecimento social* que se poderia medir pelo número dessas

alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida. (BOURDIEU, 1996, p. 292).

Bourdieu estabelece que, através das disposições do *habitus* incorporadas pelo agente, as tomadas de decisão, as “alternativas decisivas”, ou seja, o *envelhecimento social* enquanto conjunto de escolhas socialmente constituídas é o que define cada trajetória social como única. A origem social, conforme aponta Montagner (2007, p. 257), “é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias [...]”, pois, a partir dela, busca-se a compreensão das escolhas, das decisões e dos deslocamentos sociais através da objetivação do *habitus*.

Com isso, estabelece-se a relação entre a origem social, o espaço social, a trajetória social e *habitus*, posto que tais aspectos estejam relacionados diretamente com a posse de capitais (econômico, cultural, social, etc.). Nos diferentes espaços há diferentes trajetórias que são constituídas através de princípios de diferenciação, dos quais os mais eficientes são o capital econômico e o capital cultural.

1.3. Capital econômico, capital cultural, capital social e estratégias

O capital econômico, um dos princípios de diferenciação no espaço social, constitui-se, principalmente, por “[...] remunerações, às propriedades rurais e urbanas, às ações na Bolsa de Valores, aos lucros industriais, comerciais, assim como aos salários” (Bourdieu, 2007b, p. 117). Ao capital econômico, aliam-se outras formas de capital, dos quais se destaca o capital cultural e o capital social.

O conceito de capital cultural foi amplamente aceito e utilizado por pesquisadores de diferentes áreas e até mesmo além da Academia, como na imprensa cultural. Por outro lado, a sua utilização não criteriosa desconsidera dois de seus principais aspectos: primeiramente, a sua função de capital, ou seja, de bem material ou imaterial que pode ser transmitido ou herdado de outrem; e, secundariamente, a sua divisão em três diferentes tipos de capital cultural que ganham unicidade na posse de um agente. Bourdieu (2002, p. 73) aponta que o conceito foi criado, enquanto hipótese, objetivando “dar conta da desigualdade escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais”. Em outro ponto de sua obra, Bourdieu aponta que:

O peso relativo da educação familiar e da educação propriamente escolar (cuja eficácia e duração dependem estreitamente da origem social) varia segundo o grau de reconhecimento e ensino dispensado às diferentes práticas culturais pelo sistema escolar; além disso, a influência da origem social, no caso em que todas as outras variáveis sejam semelhantes, atinge seu auge em matéria de “cultura livre” ou de cultura de vanguarda. (BOURDIEU, 2007b, p. 9).

O capital cultural, assim como os outros tipos de capitais, é herdado por todos os agentes. No caso específico do capital cultural, este capital é adquirido inicialmente no ambiente doméstico, podendo ser legítimo ou não, sempre em relação à norma culta, ou seja, dentro de um conjunto de conhecimentos e bens culturais socialmente hierarquizados. Durante suas trajetórias, os agentes também adquirem parcelas de capital cultural, ou seja, conhecimentos, obras de arte, diplomas, etc., que lhes conferem uma posição na estrutura social, dentro e fora de sua fração de classe, mas também lhe conferindo um status próprio para cada espaço social frequentado. Para Bourdieu, o capital cultural é encontrado em três diferentes estados:

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em sua relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2002, p. 74).

Em seu estado incorporado, ou seja, cultivado, o capital cultural não necessita de bens materiais, pois estes já foram utilizados durante a incorporação. O capital cultural incorporado passa a fazer parte do *habitus* do agente. Ainda que ocorra a incorporação de capital cultural através de auxílio ou de bens materiais de terceiros, o trabalho de aquisição é pessoal e intransferível. Diz Bourdieu que:

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor (tal como o bronzamento, essa incorporação não pode efetuar-se por procuração). (BOURDIEU, 2002, p. 74).

Em seu estado objetivado, o capital cultural consiste no suporte material disponível ao agente para que este o incorpore ao seu *habitus* durante o processo de acumulação. Assim, a transmissão de capital cultural também ocorre através da transmissão de bens materiais, como livros, quadros, discos, etc, estando ligada à

transmissão de capital econômico, seja em forma de herança ou na possibilidade de aquisição. Essa transmissão material, como herança, não garante ao agente a incorporação do capital cultural, pois para isso é necessário que este tenha os códigos simbólicos para desfrutar desses bens materiais (Bourdieu, 2002, p. 77). Diz Bourdieu: “os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural” (Bourdieu, 2002, p. 77).

Por fim, no estado institucionalizado, o capital cultural materializa-se através do reconhecimento institucional por meio de um certificado que permita, nas palavras de Bourdieu (2002, p. 79): “estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar”. Essa certificação permite comparações entre os agentes e seus diplomas e as respectivas instituições certificadoras. Diz Bourdieu:

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua “permuta” (substituindo-os uns pelos outros na *sucessão*). (BOURDIEU, 2002, p. 78).

Os certificados, ou capital cultural institucionalizado, com seus pesos e valores diferentes, hierarquizam não somente a instituição certificadora, mas também seu portador frente ao mercado de trabalho e aos outros agentes. A rentabilidade do diploma, ou seja, a relação entre o investimento e o retorno conseguido, depende de sua raridade e da “conversão de capital econômico em capital cultural” (Bourdieu, 2002, p. 79).

Por sua vez, o conceito de capital social, tal qual desenvolvido por Bourdieu (2002, p. 67) é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”. Sua extensão e sua utilização depende das relações estabelecidas entre agentes com “ligações úteis e permanentes” e que se reconhecem como iguais. Por sua vez, o capital social depende, segundo Bourdieu (2002, p. 67): “da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”, ou seja, sua posse só adquire sentido quando o agente passa a beneficiar-se dos seus vínculos sociais.

Para utilizar o capital possuído (econômico, cultural, social, etc.), os agentes adotam diferentes estratégias visando a obtenção de maiores rendimentos. As estratégias (Muzzeti, 1997) podem ser entendidas como ações conscientes ou inconscientemente realizadas pelos agentes que almejam, em última instância, a manter ou melhorar a sua posição ou de um determinado grupo social na estrutura de classes. Essas estratégias podem ser divididas em dois grupos: as estratégias de manutenção, que visam garantir apenas a permanência da família na posição ocupada na hierarquia social; e as estratégias de reconversão, ou seja, reverter os capitais possuídos visando à manutenção – quando a posição presente está ameaçada – ou, mais comumente, a elevação na hierarquia social. Primeiramente, as estratégias são decididas pela família a fim de garantir a sua reprodução. Essas estratégias de reprodução – de fecundidade, matrimoniais, de herança, econômicas, educativas, etc. (Bourdieu, Boltanski, Saint-Martin, 1979) – são colocadas em prática conforme as probabilidades de sucesso vistas e sentidas pelos agentes, sendo que os membros de uma fração de classe são propensos a reproduzir em seus filhos sua condição e sua posição. Bourdieu ressalta que:

A linguagem da estratégia, que somos forçados a empregar para designar as sequências de ações objetivamente orientadas para uma finalidade e observáveis em todos os campos, não deve nos enganar: as estratégias mais eficazes, sobretudo em campos dominados por valores de desinteresse, sendo o produto de disposições modeladas pela necessidade imanente do campo, são aquelas tendentes a se ajustar espontaneamente a essa necessidade, sem qualquer intenção manifesta nem cálculo. (BOURDIEU, 2007b, p. 169).

Para Bourdieu:

[...] as estratégias não são respostas abstratas a uma situação abstrata, tal como um estado do mercado de trabalho ou uma taxa média de lucro; elas se definem em relação a solicitação, inscritas no próprio mundo, sob a forma de indícios positivos ou negativos que não se endereçam a qualquer um, mas que só se revelam “eloquentes” (em oposição a tudo o que “não lhe diz nada”) para agentes dotados de um certo capital e de um certo *habitus* (BOURDIEU, 2007a, p. 269).

Assim, a utilização das estratégias por um agente (enquanto indivíduo ou grupo) não ocorre, necessariamente, de forma consciente, ou seja, para que uma estratégia seja posta em prática faz-se necessário uma necessidade, ou mesmo uma imposição social. As estratégias utilizadas enquanto tomada de posição no espaço social são limitadas (enquanto chances objetivas de sucesso) pela posse de capitais e pelo *habitus*.

1.4. Trajetórias: escolha e análise dos aspectos sociais investigados

A análise da trajetória social individual implica a objetivação do *habitus* através de seus condicionantes e das disposições incorporadas pelo agente. A partir das pesquisas desenvolvidas por Pierre Bourdieu, busca-se a origem social do agente através de aspectos relevantes das trajetórias dos pais e avós, como escolaridade e colocação profissional. Nota-se também a relevância do espaço geográfico de origem (bairro/ cidade) enquanto elemento que tende a determinar a colocação dentro do espaço social de origem, ou seja, ponto de partida para os outros espaços sociais frequentados. Também é no espaço geográfico de origem enquanto espaço social que o agente compartilha seus primeiros capitais, seja recebendo através da transmissão em forma de herança familiar (capital cultural e social), seja em forma de capital social provável, ou seja, a extensão das relações sociais do espaço além daquela herdada pela família (clubes, igrejas e outros locais de socialização). Assim, o local de origem também tende a representar a posição do agente e sua família na esfera social enquanto fração de classe. É no bairro, na vizinhança e depois na escola, que o agente adquire seu *habitus* primário, ou seja, seus primeiros condicionantes, valores, crenças e práticas cotidianas, ou seja, suas disposições. Para esta pesquisa, ressaltam-se diversos aspectos sociais para a análise das trajetórias. Com isso, não se pretende restringir a interpretação dos dados coletados apenas pelos aspectos sociais aqui elencados, tendo em vista que a presença ou não desses aspectos depende exclusivamente da trajetória social de cada agente. O levantamento de um conjunto de aspectos sociais, sejam eles conceituais ou não, faz-se necessário na construção dos instrumentos de coleta de dados, bem como na interpretação desses dados. Conforme apresentado abaixo, diversos aspectos sociais podem ser entendidos como parte de outro aspecto social, ou mesmo como o mesmo aspecto social apresentado de forma diversa. Isso se torna necessário pela confluência de alguns fatores da análise se repetirem em diferentes momentos e por haver aspectos da trajetória que não estejam convertidos em disposições duráveis. Pretende-se, ao expor a forma de construção dos instrumentos de coleta dos dados e de análise das trajetórias, apresentar os pontos entendidos como relevantes do percurso metodológico aqui empregado.

1.4.1. Aspectos sociais investigados

Fez-se necessário a elaboração de um conjunto mínimo de aspectos sociais a serem investigados visando o entendimento das trajetórias sociais presentes nos retratos sociológicos. A divisão em blocos de questões e aspectos investigados foi elaborada tendo como exemplo o que foi utilizado por Costa e Lopes (2008). Os blocos A, B e C foram utilizados na elaboração dos retratos.

Bloco A: Trajetória Social e Espaços Sociais

- Origem social: a) profissão dos avós e pais; b) localidade de origem dos avós e pais
- Trajetória no espaço físico: a) casas; b) bairros; c) cidades
- Capital cultural dos pais e avós: a) institucionalizado; b) objetivado; c) saídas culturais
- Espaços sociais frequentados com a família: igrejas, clubes, viagens, etc.

Bloco B: Trajetória de Escolarização e Capital Cultural

- Trajetória de escolarização: a) creches; b) pré-escola; c) escolas; d) pré-vestibular
- Participação familiar na trajetória de escolarização: a) acompanhamento; b) opiniões dos pais; c) auxílio nas atividades escolares; d) auxílios externos (particulares, familiares, reforço escolar, etc.)
- Capital cultural / saídas culturais: a) literatura; b) música; c) teatro; d) cinema; e) televisão; f) pintura; g) ambientes e atividades culturais realizadas

Bloco C: Universidade

- Escolha do curso superior: a) opções; b) influências citadas; c) o porquê da escolha
- Curso pré-vestibular: a) popular ou privado; b) importância dada pelo agente
- A família e o ensino superior
- Primeiras impressões sobre a universidade e sobre o curso de Pedagogia
- Participação na vida acadêmica e vida universitária

Tais aspectos estão distribuídos de forma genérica e buscam a abordagem dos principais pontos das trajetórias pesquisadas, dando forma ao conjunto dos retratos sociológicos, assim como a permanente atenção a um conjunto específico de variáveis.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa foi baseada no método praxiológico bourdieusiano e possui abordagem qualitativa. Os recursos metodológicos são a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo através da coleta de dados por questionário e entrevista semiestruturada. Para Bourdieu (1983), o método praxiológico:

[...] tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade [...]. (p. 47).

O método praxiológico rompe com a dicotomia entre interiorização e exteriorização do agente por ser apreendido enquanto forma de objetivação do *habitus*, ou seja, enquanto entendimento das disposições e dos condicionantes, produtos do processo de socialização. Segundo Bourdieu (1983):

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis [...]. (p. 60-61).

Com isso, ressalta-se a busca pela compreensão da socialização do agente para o entendimento de suas práticas cotidianas, inclusive de seus valores e atitudes, ou seja, de sua visão de mundo.

2.1 Local da pesquisa

Este estudo foi realizado na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL/AR) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). A cidade de Araraquara está localizada a 277 quilômetros da capital do Estado, São Paulo. Segundo o Censo 2010¹, sua população é de 208.662 habitantes. A instituição foi escolhida por tratar-se de uma das principais universidades públicas do Estado De São Paulo que oferece o curso de Pedagogia.

¹ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=350320>> Acesso em: 14 abr 2012.

Além da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara possui outras três faculdades da UNESP (Faculdade de Odontologia, Instituto de Química e Faculdade de Ciências Farmacêuticas), uma unidade do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e quatro instituições de ensino superior privadas (Centro Universitário de Araraquara, Universidade Paulista, Faculdades Savonitti e Faculdades Logatti) e uma unidade do Centro Paula Souza (ensino técnico). A cidade possui unidades do SESC e Sesi, as quais oferecem atividades culturais gratuitas semanalmente, tais como apresentações musicais, peças de teatro, exposições de artes plásticas, dentre outros, além de dois teatros municipais e biblioteca pública.

A Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara foi criada em 1957 através da Lei Estadual nº 3.842 com a denominação de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FFCL) na forma de Instituto Isolado Superior do Estado De São Paulo, tendo recebido autorização de funcionamento através do Decreto Federal nº 45.776 de 1959, ano em que iniciou suas atividades. Em 1976, através da Lei Estadual nº 952, a FFCL e outros vinte e um institutos isolados do Estado De São Paulo passaram a constituir a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). No ano seguinte, a faculdade recebeu uma nova denominação: Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE). Em 22 de abril de 1989, a faculdade adotou a denominação atual: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR).

A FCL/AR oferece em seu processo seletivo (Vestibular 2012) 520 vagas anuais (260 diurno e 260 noturno) distribuídas em cinco cursos de graduação (100 em Administração Pública, 100 em Ciências Econômicas, 100 em Ciências Sociais, 120 em Letras e 100 em Pedagogia). A FCL/AR possui cinco programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado em Economia e Mestrado e Doutorado em Estudos Literários, Linguística e Língua Portuguesa, Sociologia e Educação Escolar).

O curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, do qual proveem os participantes desta pesquisa, iniciou suas atividades em 1959. Anualmente são oferecidas, através de vestibular, 50 vagas para o período diurno e 50 vagas para o período noturno. A faculdade realiza processo seletivo de transferência interna e externa que visa o preenchimento das vagas ociosas.

2.2 Os participantes da pesquisa e os critérios de seleção

No ano de 2008, cem (100) estudantes ingressaram no curso de Pedagogia da FCL/AR através de vestibular (50 no período noturno e 50 no período diurno). No momento² da aplicação dos questionários havia oitenta estudantes³ (80) com possibilidade de concluir o curso no final de 2011, sendo que sessenta (60) estudantes responderam ao questionário (32 do período diurno e 28 do noturno). Optou-se pelos estudantes que cursavam o quarto ano visando à compreensão da escolha e do ingresso no curso de Pedagogia, das trajetórias no interior do curso e das expectativas geradas pela proximidade da obtenção do diploma.

Para preservar a identidade de todos os participantes da pesquisa, os estudantes entrevistados foram identificados com nomes fictícios, bem como foram seguidos todos os procedimentos apontados por Zago (2003, p. 303):

Desde o momento inicial é fundamental esclarecer os objetivos da pesquisa, o destino das informações, o anonimato de pessoas e lugares, além do horário do encontro e tempo provável de duração. Esses esclarecimentos e compromissos fazem parte do acordo inicial entre pesquisador e pesquisado, que é preciso respeitar. Também não são sem importância a apresentação pessoal do pesquisador e a maneira como desenvolve a entrevista, isto é, a dinâmica de sua condução.

A adoção de tais procedimentos no decorrer da pesquisa auxilia na preservação da identidade dos participantes, bem como na preparação do ambiente da entrevista.

A pesquisa foi realizada nas dependências da faculdade com os estudantes do curso de Pedagogia após receber autorização⁴ da Direção da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e do Conselho do Curso de Pedagogia.

A população pesquisada compreendeu todos os estudantes que ingressaram no curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara no ano de 2008 e que permaneciam matriculados no primeiro semestre do ano de 2011. Segundo dados disponibilizados pela instituição (Seção de Graduação da FCL/AR), havia 41 estudantes no período diurno e 39 estudantes no período noturno com essas características. Todos os estudantes presentes em sala de aula foram convidados a responder ao questionário, sendo que trinta e dois (32 estudantes ou

² Junho/2011.

³ Informação obtida por meio de requerimento protocolado na Seção de Comunicações da FCL/AR.

⁴ Autorização solicitada através de requerimento protocolado na Seção de Comunicações da FCL/AR e despachada pelo seu diretor.

78,04% do total de matriculados) do período diurno e vinte e oito (28 estudantes ou 71,79% do total de matriculados) do período noturno aceitaram participar da pesquisa. Assim, dos oitenta (80) estudantes ingressantes em 2008 que permaneciam matriculados no curso, sessenta (60 estudantes ou 75% dos matriculados) contribuíram para a realização da pesquisa na fase de coleta de dados através de questionário.

As oito estudantes selecionadas para a entrevista aceitaram participar da pesquisa ao responder ao questionário e nele indicar a possibilidade de conceder a entrevista, bem como pela disponibilidade de tempo. Foram contatados diversos estudantes, dos quais muitos não puderam conceder a entrevista por motivos diversos (problemas de saúde, problemas familiares, gravidez, indisponibilidade de tempo, etc.).

A escolha das oito entrevistadas de forma estatística (13,3 % dos que responderam ao questionário; 10% dos que poderiam concluir o curso em 2011; ou ainda, 8% dos 100 estudantes que se matricularam em 2008), não justificaria as escolhas e as dificuldades encontradas no percurso da pesquisa. A seleção dessa amostra teve como indicadores principais a escolaridade dos pais (Apêndices D e E), o percurso escolar entre escolas públicas ou privadas (Apêndice C) e a renda familiar (Apêndice F). Com isso, pretendeu-se abarcar na amostra das entrevistas os diferentes públicos presentes no grupo pesquisado.

2.3 Instrumentos e materiais

Para a coleta dos dados foram elaborados um questionário e um roteiro de entrevistas. O questionário objetivou coletar dados para a elaboração de um pequeno perfil socioeconômico da população pesquisada, enquanto que o roteiro de entrevista objetivou a coleta de dados mais detalhada sobre a trajetória social da amostra de participantes selecionados da população pesquisada.

2.3.1 O questionário

O questionário (APÊNDICE A) foi elaborado com questões fechadas e abertas (Gil, 2006) que objetivou coletar dados sobre a origem social e situação socioeconômica

dos estudantes por meio das variáveis: i) origem social (escolaridade e profissão dos pais dos estudantes); ii) renda familiar; e iii) escolha do curso superior (primeira opção, passagem por curso pré-vestibular e número de vezes em que prestou vestibular). Seguindo as indicações metodológicas de Schrader (2002), o questionário foi elaborado com a utilização de indicadores objetivos, ou seja, os dados a serem coletados independiam de opinião ou avaliação dos estudantes pesquisados. Os dados foram distribuídos em quadros de análise e organizados em tabelas, conforme modelo sugerido por Levin (1987).

Com o consentimento dos estudantes e dos professores, o questionário foi aplicado em salas de aula no mês de junho de 2011. O tempo médio para preenchimento do questionário foi de 15 minutos.

2.3.2 A entrevista

O roteiro (APÊNDICE B) aplicado nas entrevistas foi elaborado com base no modelo desenvolvido por Muzzeti (1997), seguindo o que foi descrito na subseção Os Aspectos Sociais Investigados. As entrevistas foram realizadas nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Os depoimentos e relatos das entrevistas que tiveram uma duração média de duas (2) horas foram registrados em áudio digital, sendo que o equipamento de gravação esteve sempre visível ao entrevistado que estava previamente informado do processo de registro. Conforme aponta Zago (2003, p. 299), a gravação possibilita maior liberdade ao pesquisador, favorecendo a relação de interlocução, bem como a análise do material coletado. As entrevistas foram transcritas seguindo as indicações metodológicas de Bourdieu (1997), no qual foram eliminados do texto apenas os vícios de linguagem, mantendo a fidedignidade do capital linguístico empregado pelo participante.

2.3.3 Metodologia utilizada na relação entre entrevistador e entrevistados

A relação entre o pesquisador e o pesquisado é, apesar de ser algo constantemente ignorado, uma relação social (Bourdieu, 1997, p. 694). Relação esta

baseada em um acordo no qual o pesquisado cede seu tempo e atenção, fornecendo, muitas vezes, informações estritamente pessoais e confidenciais. Assim, trata-se de uma relação social artificial, que não ocorreria sem a necessidade do pesquisador e sem a complacência do pesquisado. Ao dirigir-se ao pesquisado, o pesquisador deve ter total consciência da artificialidade desse contato e, assim, minimizar os efeitos de estranhamento pelo desconhecimento de um para com o outro. Por isso, o pesquisador deve, se possível, possuir algumas informações pré-entrevista⁵, como a posição social do agente a ser pesquisado (emprego, escolaridade, local de residência, etc.). Com algumas dessas informações o pesquisador tenderá a minimizar algumas formas de estranhamento dessa relação social artificial. Portanto, o primeiro ponto da relação de entrevista deve ser a tentativa de entendimento sobre os efeitos que são produzidos sobre o pesquisado, como ele interpreta a entrevista e o que o leva a aceitar a participação na troca (Bourdieu, 1997, p. 695). Com esse entendimento, o pesquisador tende a reduzir as distorções que possam vir a ocorrer através das diferenças entre as finalidades do pesquisador em sua pesquisa e as finalidades entendidas para a pesquisa pelo pesquisado.

Para Bourdieu (1997, p. 694), é o uso reflexivo de um conjunto de conhecimentos adquiridos que irá “controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas”. Chamada por Bourdieu (1997, p. 694) de reflexividade reflexa, trata-se do exercício constante do pesquisador em controlar, através de um conhecimento prévio, os efeitos da estrutura social sobre pesquisador-pesquisado e sobre a relação social aí estabelecida. Por isso, Bourdieu refere-se a reflexividade como sinônimo de método, enquanto que a reflexividade reflexa está baseada “num ‘trabalho’, num ‘olho’ sociológico” (1997, p. 694). Um exemplo do trabalho de reflexividade reflexa é a adequação do vocabulário do pesquisador ao do pesquisado, assim como as vestimentas, ou seja, a aproximação por parte do pesquisador para a realidade do pesquisado, minimizando assim os efeitos de uma provável violência simbólica no ato da troca (entrevista).

O contato entre pesquisador e pesquisado gera duas diferentes formas de entendimento: enquanto o pesquisador espera obter respostas para sua pesquisa, ou seja, um objetivo simples e pré-definido, o pesquisado colabora e, ao mesmo tempo, elabora

⁵Assim, a aplicação do questionário é necessária, pois, além de ser o instrumento de convite e seleção dos entrevistados, também traz as primeiras informações sobre suas trajetórias.

sua intencionalidade diante da experiência da participação. Suas expectativas, ênfases e um movimento constante de confiança (ao fornecer a informação) e de precaução (o silêncio, o suposto não entendimento ou a negação) ao ceder informações tão diversas quanto seus dados pessoais, suas experiências, seus valores, suas crenças, preconceitos, etc., serão determinados pelo modo ou forma que o pesquisador anunciar em suas intenções, bem como o modo de apresentar as “regras do jogo” social estabelecidas através da relação social artificial posta nessa troca.

Ao objetivar a realização de uma comunicação não violenta na relação entre pesquisador e pesquisado, Bourdieu apresenta alguns pontos que devem ser executados antes, durante e após a entrevista. Ao iniciar o contato com o pesquisado, o pesquisador deve ter plena consciência de que serão as suas regras que devem prevalecer na troca. Para Bourdieu (1997, p. 695):

O mercado dos bens linguísticos e simbólicos que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os linguísticos, dos quais estão dotados.

Tal variação deve ocorrer para minimizar os efeitos de uma possível diferença entre a posse de capitais dos agentes envolvidos (pesquisador e pesquisado). Caso haja, pelo pesquisador, a manutenção da utilização plena do capital linguístico frente a um pesquisado que possua menor capital linguístico, ocorrerá um estranhamento que tende a comprometer a entrevista. De outra forma, caso o pesquisador procure adequar seu vocabulário ao perceber que o pesquisado possua maior capital linguístico, os limites entre o artificial tolerável (a relação social da entrevista) e o artificial que comprometa a entrevista (p. ex.: relação social da entrevista com a utilização de um vocabulário pretensamente rebuscado pelo pesquisador) é muito tênue, devendo ser evitado para que não haja comprometimento da coleta de informações e de toda a troca da entrevista. Ou seja, não deve ser entendido como uma regra, mas apenas como algo a ser trabalhado e melhorado com a prática da pesquisa.

Para que os prováveis efeitos da violência simbólica sejam minimizados, Bourdieu afirma que deve haver “disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular (...)” (1997, p. 695). Assim, o relato do pesquisado deve ser entendido como único em sua totalidade, merecendo assim a vigilância constante pelo pesquisador, que não pode distrair-se ou demonstrar

qualquer forma de desinteresse no decorrer da entrevista. Isso ocorre através da utilização de sinais verbais e não verbais que transmitam ao pesquisado/pesquisado que o pesquisador/pesquisador realmente deseja obter as informações a ele solicitadas. Faz-se necessário, no decorrer da entrevista, que o pesquisador tenha sinais de *feedback* como acenos de cabeça aprovadores, olhares, sorrisos, sinais corporais ou verbais, posto que um breve momento de desatenção, de distração do olhar, pode fazer o pesquisado perder o fio de sua entrevista. Esses sinais de aprovação, incentivo, agradecimento, se colocados no momento certo, servirão para atestar a participação intelectual e afetiva do pesquisador (Bourdieu, 1997). Trata-se da escuta ativa e metódica: atenção constante que deve ser expressa pelas linguagens verbal e corporal.

A reação causada pela diferença de capitais linguísticos e a reação causada ao menor sinal de desinteresse são semelhantes. Se no primeiro caso o pesquisado silencia por temor, vergonha ou precaução, no segundo caso ele silencia por não ver o principal sentido da entrevista sendo respeitado: a obtenção de suas respostas.

No que compete a preparação da entrevista, o pesquisador deve, partindo dos pressupostos acima, evitar ainda o que Bourdieu chamou de imposição da problemática (1982) ou imposição (1997). Tal efeito ocorre quando o pesquisador, através de suas perguntas, impõe temas, suposições, explicações ou mesmo alternativas que não condizem com a vivência, realidade ou preocupações do pesquisado. Ao receber uma pergunta ou informação que não lhe diz respeito, o pesquisado tende a responder ou a divagar sobre, revertendo isso em uma resposta que ele julga agradar aos ouvidos do pesquisador. Conforme aponta Bourdieu:

O efeito de imposição da problemática, efeito exercido por qualquer pesquisa de opinião e por qualquer interrogação política (a começar pela eleitoral), resulta do fato de que às perguntas colocadas numa pesquisa de opinião não são perguntas que realmente se colocam a todas as pessoas interrogadas e as respostas não são interpretadas em função da problemática que servia efetivamente como referência, às diferentes categorias de inquiridos. (BOURDIEU, 1982, p. 145).

Com isso, entende-se que, na realização da entrevista, a imposição (ou imposição da problemática), tende a ser evitada através da reflexividade reflexa apresentada por Bourdieu, ou seja, através da constante reflexão do pesquisador sobre suas questões, a forma de execução e interpretação e a consciência dos efeitos que pode vir a despertar no pesquisado. Para Bourdieu (1982), é um erro o pesquisador acreditar

que todas as pessoas possuem conhecimento, condições ou interesses para dar respostas sobre diferentes temas.

Por fim, outro ponto ao qual o pesquisador deve estar atento é a resistência, pelo pesquisado, à objetivação. Mesmo mantendo de forma constante a reflexividade, o pesquisador corre sempre o risco de ter suas regras no jogo da entrevista superadas pelos objetivos ou intenções do pesquisado. Pode ocorrer de o pesquisado tomar conta da entrevista, impondo temas e o andamento do tempo entre pergunta e resposta. As divagações extensas ou a mudança de tema ou assunto significa que o pesquisado não está aceitando as regras impostas pelo pesquisador. O pesquisado, ao não objetivar as perguntas através de respostas claras sobre o que lhe foi perguntado, utiliza-se do momento como se tivesse sido chamado a um palco ou arena política, em que o agente aproveita da situação para elencar seus problemas, projetos, críticas, elogios, etc. Ao perceber que a entrevista está perdendo o rumo inicialmente traçado, o pesquisador deve decidir entre optar em continuar, retomando o controle ou mesmo finalizá-la para não comprometer a análise dos dados, bem como para não ocorrer a dupla enganação entre pesquisador e pesquisado: “cada um engana um pouco o outro ao se enganar a si próprio” (Bourdieu, 1997, p. 703).

2.3.4 Apontamentos da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistados

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, em horários previamente agendados com os entrevistados através do telefone ou do correio eletrônico. Sobre a mesa ficaram dispostos: duas garrafas de água e dois copos, o gravador de voz, um relógio, um bloco de anotações e o roteiro de entrevistas.

Os entrevistados foram informados da garantia da manutenção do sigilo, do anonimato e da supressão de qualquer informação que pudesse os identificar, assim como da possibilidade de interromper, desistir ou cancelar a participação em qualquer fase ou momento da pesquisa. Também foram informados de que suas falas seriam, seguindo os preceitos estabelecidos acima, utilizadas na elaboração da dissertação de Mestrado e em outras publicações acadêmicas. O entrevistador agradeceu a colaboração dos entrevistados e informou-lhes da utilização do gravador de voz, assim como da

possibilidade de revogar sua autorização, em qualquer momento, a utilização de parte ou de toda a entrevista.

As indicações metodológicas indicadas por Bourdieu (1982, 1997, 2007b) foram utilizadas durante as entrevistas e durante as suas transcrições, que transcorreram com total ausência de ocorrências que denotassem ocasiões ou traços de estranhamentos ou desentendimentos que pudessem vir a comprometer as entrevistas. Ao final de cada entrevista foi indagado ao entrevistado se havia algo que gostaria de falar, bem como se alguma pergunta havia constrangido o entrevistado. Também foi questionado se o entrevistado gostaria de retirar alguma parte de sua fala e, repetindo o procedimento pré-entrevista, se o pesquisador poderia utilizar suas respostas para a produção da pesquisa.

3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA FCL/AR

Nesta seção apresenta-se a análise dos dados obtidos por meio da aplicação do questionário aos sessenta (60) estudantes do quarto (último) ano do curso de Pedagogia. Buscou-se a caracterização socioeconômico dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCLAR/UNESP) tendo por base os dados coletados junto aos alunos e alunas que ingressaram no ano de 2008 através da utilização de questionário. Na última década diversas pesquisas buscaram mapear a situação dos profissionais do magistério no país em seus diversos aspectos: socioeconômico, cultural, por área de atuação, etc. Dentro de um conjunto de pesquisas, foram publicados dois perfis dos professores brasileiros do ensino básico (UNESCO, 2004; BRASIL (MEC), 2009) e um perfil do professor do Estado De São Paulo (PENNA, 2009). Nesses estudos, há um conjunto de variáveis comuns, como: renda, idade, sexo e escolaridade. Assim, os dados coletados baseiam-se em tais variáveis, dos quais se elaborou um breve perfil socioeconômico dos estudantes de Pedagogia da FCLAR/UNESP ingressantes em 2008.

3.1 Características gerais dos estudantes

O grupo pesquisado caracteriza-se pelo predomínio de estudantes mulheres, sendo que no período diurno do curso havia apenas dois alunos dentre os trinta e dois estudantes, enquanto que no período noturno havia apenas um aluno dentre os vinte e oito estudantes. Isso vem corroborar os dados levantados por Penna (2009) em sua pesquisa com professores da rede pública do Estado De São Paulo e com os dados apresentados pela UNESCO (2004). Uma das características da profissão docente é a predominância de mulheres, conforme se pode verificar na amostra da pesquisa desenvolvida por Penna (2009), onde há somente mulheres. Os dados do MEC e da UNESCO apontam para um pequeno aumento da porcentagem de homens conforme se eleva o nível de ensino, chegando a 18,6% de professores homens nos ensinos fundamental e médio (UNESCO, 2004), sendo que “nas creches, na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental, o universo docente é predominantemente feminino

(98%, 96% e 91%, respectivamente)” (BRASIL, 2009, p. 22). No grupo pesquisado havia 93,75% de estudantes solteiros (as) e 6,25% de casadas no período diurno, enquanto que no período noturno a relação era de um (1) casado para cada três (3) solteiros. Dois estudantes do sexo masculino eram solteiros e um casado.

A idade média dos estudantes (junho/2011) era de 23 anos para o período diurno, sendo que 87,5% dos estudantes do período diurno tinham idade entre 20-25 anos, 6,25% entre 26-30 anos e uma estudante na faixa entre 31-40 anos e uma na faixa entre 41-50. No período noturno a idade média era de 26 anos, sendo que 61% tinham idades entre 20-25 anos, 21% entre 26-30 anos, 14% entre 30-40 anos e uma estudante com idade entre 41-49 anos.

Os estudantes residentes em Araraquara no momento de ingresso à universidade correspondiam a 26,66% dos pesquisados, sendo que aqueles provenientes de cidades em um raio de menos de 50 quilômetros da faculdade (16 de Araraquara, 2 de Américo Brasiliense, 2 de Ibaté, 1 de Nova Europa e 9 de São Carlos) somavam 50% do grupo. Provenientes da cidade de São Paulo correspondiam 11,5%, Ribeirão Preto 10%, demais cidades do interior do Estado De São Paulo 20% (entre 1 e 3 estudantes por cidade), litoral paulista dois estudantes, dois não responderam a pergunta e apenas um estudante proveniente de outro estado (Minas Gerais). Assim, segundo a amostra, o curso é de amplitude predominantemente estadual e majoritariamente regional, posto que 60% dos estudantes são provenientes de cidades com menos de 100 quilômetros de distância da faculdade.

3.2 Origem Social

A origem social dos estudantes foi verificada através da análise e do cruzamento de quatro variáveis: o percurso escolar dos estudantes em escolas públicas ou privadas, a escolaridade dos pais, a profissão dos pais e a renda familiar.

O percurso escolar apresenta a maior disparidade entre os resultados dos estudantes do período diurno e dos estudantes do período noturno. Pode-se verificar (Apêndice C – Tabela 1) a maior concentração de estudantes que realizaram ou tiveram passagem pelo ensino privado entre os matriculados no período diurno, enquanto os matriculados no período noturno apresentam maior número dos que realizaram seus estudos integralmente em estabelecimentos privados. No total, 50% (30 estudantes) dos

estudantes realizaram seus estudos do ensino básico integralmente em escolas públicas, frente aos 25% (15 estudantes) que cursaram integralmente o ensino privado nesse nível de ensino. Seis estudantes (10% do total) cursaram o ensino fundamental em escolas públicas e o ensino médio em estabelecimentos privados. Os demais estudantes (9 estudantes ou 15% do total) alternaram seus percursos escolares entre estabelecimentos públicos e privados.

Os pais dos estudantes pesquisados possuíam, em sua maioria, baixa escolarização, somando 41,66% (25) aqueles que não concluíram o ensino básico, 31,66% (19) não completaram o ensino fundamental e 28,33% (17) concluíram o ensino médio (Apêndice D – Tabela 2). Há uma discreta presença dos que concluíram o curso técnico (6,6%) e daqueles que ingressaram e não concluíram o ensino superior (8,33%). No total, 86,6% (52) dos pais dos estudantes não possuíam nível superior, frente aos 13,33% (8) que concluíram esse nível de ensino. Conforme verificado, há uma forte relação entre o nível de escolarização dos pais dos estudantes e a profissão que exerciam. Há, predominantemente, profissões que necessitam de pouca ou nenhuma qualificação.

Por sua vez, os dados de escolarização das mães (Apêndice E – Tabela 3) dos estudantes apresentam pequenas diferenças comparativamente aos dados de escolarização dos pais dos estudantes. Mais da metade das mães dos estudantes (31 ou 51,66%) não concluíram o ensino básico, 28,33% (17) concluíram e apenas 16,66% (10) concluíram o ensino superior. Mais de 1/3 das mães dos estudantes (22 ou 36,66% do total) foram definidas como donas de casa ou do lar. Cinco mães eram professoras (8,33%) e uma trabalhava como educadora. Em apenas uma resposta foi citada a condição de desempregado, dado que não constou das respostas sobre a profissão dos pais.

Foram citadas 37 diferentes ocupações profissionais exercidas pelos pais e 19 para as mães. Em 50% (30) dos questionários a escolaridade de pais e mães era igual, enquanto 8,33% (5) dos pais e mães possuíam a mesma profissão e 10% (6) dos estudantes não indicaram a ocupação profissional de pai e mãe.

A distribuição dos estudantes segundo a renda familiar não apresenta grandes diferenças entre os matriculados dos dois períodos. A renda de 43,3% dos estudantes está na faixa até três salários mínimos (R\$ 1.635,00), sendo que 16,6% do total não ultrapassam dois salários mínimos. Conforme verificado (Apêndice F – Tabela 4), 90%

das famílias dos estudantes possuem renda de até dez (10) salários mínimos (R\$ 5.450,00), 5 estudantes (8,34% do total) na faixa entre 10 e 20 salários mínimos e apenas um estudante com renda familiar superior a 20 salários mínimos.

3.3 A escolha do curso superior

Trinta e quatro estudantes (56,6% dos questionários) declararam que a sua primeira opção (Apêndice G – Tabela 5) na escolha do curso superior no momento do vestibular era o curso de Pedagogia. Para vinte e cinco estudantes (41,6% dos questionários), Pedagogia não era o curso pretendido, sendo que seis (6) estudantes tinham o curso de Psicologia e quatro (4) estudantes tinham o curso Letras como primeira opção. Um estudante não indicou sua primeira opção. Com isso, entende-se que, para a amostra verificada, o curso de Pedagogia possui em seu quadro discente um alto percentual de estudantes que não o tinham como primeira opção.

4 RETRATOS SOCIOLÓGICOS

Os oito retratos sociológicos apresentados constituem-se de análises sociológicas da trajetória social das agentes, ou seja, de um conjunto de estudos de caso. Para isso, apresentam-se os três pontos-base para a elaboração e análise: i) Primeiramente, os dados referentes à origem social, como as profissões e o capital cultural institucionalizado de pais e avós, a localidade de origem e residência e aspectos da realidade socioeconômica do agente e de sua família; ii) O segundo ponto é a trajetória de escolarização dos agentes e seu capital cultural, ressaltando suas práticas culturais, tais como o consumo cultural e as saídas culturais, bem como os investimentos escolares e culturais da família; iii) Adiante, a relação estabelecida pelo agente com a universidade, a escolha do curso superior, o ingresso e a permanência na universidade.

Para analisar o ingresso e o percurso no ensino superior, utilizaram-se como referencial de apoio os resultados obtidos por Coulon (2008) em sua pesquisa com estudantes do ensino superior, no qual se destaca os três principais períodos vivenciados pelos universitários em suas trajetórias dentro da universidade. Ao analisar o caso dos ingressantes da Université Paris 8, Coulon (2008, p. 61) destaca que, a entrada na universidade ou “o tempo do estranhamento”, é o momento em que “podemos considerar sua entrada como ‘provisória’, em lugar de concebê-la como um ato normal, banal e inquestionável [...]”, pois:

Esta nova posição não é conquistada de uma só vez, sendo, ao contrário, objeto de um processo de aprendizagem cuja duração e dificuldade dependem, certamente, do tipo de instituição frequentada, dos estudos empreendidos, do caminho percorrido anteriormente, ainda que apresentem características comuns que ultrapassam a diversidade de universidades e situações pessoais dos estudantes. (COULON, 2008, p. 61).

Em um segundo momento da trajetória dentro da universidade, o universitário vivencia “o tempo da aprendizagem”, ou seja: “Sua angústia inicial será sucedida por uma fase de familiarização progressiva com a instituição, uma adaptação em relação aos códigos locais e pelo início do trabalho intelectual [...]” (Coulon, 2008, p. 151). Por fim, o estudante vivencia “o tempo de afiliação”, momento em que: “é marcado, em particular, por certo manejo de numerosas regras que organizam a vida social e intelectual do trabalho universitário, manejo que se manifesta em diferentes ocasiões”

(Coulon, 2008, p. 199). No segundo e terceiro pontos, ocorre à convergência entre os resultados obtidos por Coulon em sua pesquisa e a perspectiva bourdieusiana, na qual se destaca a necessidade do agente em “aprender as regras do jogo”, ou seja, no caso em questão, apreender um conjunto de práticas e valores da universidade enquanto novo espaço social frequentado. Conforme aponta Cicourel:

O *habitus* manifesta-se como um sistema autorregulador de princípios implícitos e explícitos, globalmente qualificados como princípios geradores, os quais incluem, segundo Bourdieu, dois tipos de relações: (1) a idéia de uma estrutura objetiva que define as condições sociais particulares que produzem as práticas engendradas pelo *habitus*, e (2) as condições que parecem representar um estado particular do *habitus*. (CICOUREL, 2007, p. 169).

Assim, os três tempos apontados por Coulon (2008) indicam manifestações cotidianas do *habitus* (Cicourel, 2007), em que cada sujeito vivencia e age em sua realidade social conforme seu *habitus*. Para a análise aqui proposta, utilizam-se os três tempos de Coulon para situar, quando necessário, o percurso universitário dos agentes pesquisados. Ao final de cada retrato sociológico, tal qual em Lahire (2004), há uma recapitulação dos pontos de análise.

4.1 Retrato Sociológico Um – Amanda

A entrevista com Amanda foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de setembro de 2011. O tempo de duração foi de uma hora e cinquenta minutos. Ela demonstrou interesse em participar da pesquisa ao responder ao questionário e aceitou o convite para a entrevista através de contato telefônico.

Amanda tem 22 anos e estuda no período diurno. Nasceu em um bairro periférico da cidade de São Paulo e residiu na mesma casa até o ingresso na universidade. Durante a graduação reside em Araraquara. Os pais de Amanda separaram-se quando ela tinha 4 anos, com a manutenção da boa convivência com o pai. Em sua residência ela reside com duas irmãs e a mãe. O pai de Amanda é mecânico e contribui mensalmente com o pagamento de uma pensão. Questionada se a família possui estabilidade econômica, Amanda relata que: “Sim. Digo mais, assim, pelo meu pai e pela minha irmã mais velha que trabalha. Meu pai já trabalha faz muitos anos nessa empresa. Já é aposentado, mas continua trabalhando”. A mãe é dona de casa. Os

avôs maternos de Amanda trabalhavam no campo em uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais e não frequentaram a escola. Amanda não possui maiores informações sobre os avôs paternos e sabe apenas que eles eram provenientes da zona urbana de outra cidade no interior de Minas Gerais e que o avô era motorista de ônibus e frequentou a escola. O pai de Amanda possui o ensino fundamental completo, enquanto que a mãe frequentou a escola nos quatro anos iniciais do ensino fundamental. Amanda relata que seus pais se conheceram na cidade de São Paulo. Sua irmã mais velha, atualmente professora, graduou-se em Letras na mesma instituição em que Amanda estuda, o que a influenciou a optar pela mesma cidade no momento de escolha do *campus* universitário que oferecia o curso de Pedagogia. A separação dos pais é tida por Amanda como um momento importante no seu desenvolvimento, pois relata que:

Atrapalhou bastante, principalmente no começo do ensino fundamental, assim, do pré para o ensino fundamental, porque eu era muito apegada ao meu pai, então eu sofri bastante. Eu tive bastante dificuldade na escola, na aprendizagem. É, eu demorei pra aprender a ler. Para aprender a ler, acho que fui aprender a ler na quarta série, então eu sofria bastante porque você não aprende a ler, a professora não entende que você tem um problema [risos], mas depois eu consegui.

O bairro em que cresceu é tido por ela como um bairro não tão violento em comparação com algumas localidades vizinhas, de onde eram provenientes diversos colegas de escola que “chegavam colocando o terror na escola”, muitos deles moradores de favelas, “comunidades que eram mais perigosas”. Por isso, a mãe de Amanda a aconselhava, assim como a suas irmãs, a não “mexer com ninguém”. Aos 16 anos Amanda teve sua primeira experiência profissional como estagiária em um shopping, emprego que manteve até o terceiro ano do ensino médio, quando decidiu dedicar-se aos estudos para concorrer a uma vaga na universidade. Assim, a origem social de Amanda é caracterizada pela origem dos pais que migraram do interior de Minas Gerais para o Estado de São Paulo e pela vivência em um bairro periférico.

Com sua família, Amanda diz que frequentava muito o shopping, pois “lá tem tudo”. Sua família é “muito católica, muito tradicional” e frequenta a missa aos finais de semana. Na igreja, ela participava do grupo de jovens e, a partir dos 16 anos, ministrou aulas de catequese durante um ano e meio. Frequentemente, seu pai levava as filhas ao zoológico.

Depreende-se que, ao deslocarem-se do interior de Minas Gerais para a cidade de São Paulo, os pais de Amanda buscavam melhores condições materiais de existência.

O local de origem de Amanda – a periferia paulistana – apresentada por ela como um lugar “não tão violento” em relação às localidades próximas, assim como a inexistência de espaços culturais nas proximidades de sua residência, aliados a baixa posse de capital cultural por seus pais, faz de sua trajetória de escolarização algo incomum em seu meio de origem. Conforme relembra, a direção da escola de ensino médio não acreditava que uma ex-aluna pudesse ser aprovada em um vestibular de uma universidade pública, pois não acreditou quando Amanda foi retirar o histórico escolar, documento exigido para a matrícula na faculdade.

A trajetória de escolarização de Amanda foi marcado por dificuldades de aprendizagem aos 5 anos de idade. Para ela, tais dificuldades foram consequências da separação dos pais. Aos 4 anos, Amanda teve dificuldades com a fala. Conforme seu relato: “parei um pouco de falar, aí eu tive que fazer tratamento com a fono [fonoaudióloga]”. A família não recorreu a professores particulares, mas Amanda teve acompanhamento fonoaudiológico pelo convênio médico que a família possuía através do emprego do pai. Amanda ingressou na pré-escola aos 5 anos de idade, mas não frequentou creches ou jardim da infância. Toda sua trajetória de escolarização ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Ao relatar que era boa aluna, Amanda descreve o relacionamento com os professores como muito bom, pois: “sempre fazia amizade com os professores, eles sempre ajudavam também, incentivavam a continuar estudando. [...] Foi sempre uma relação de amizade mesmo”. As escolas que frequentou situam-se na mesma rua em um bairro vizinho próximo a sua residência e que as mudanças de escola ocorreram apenas duas vezes ao mudar-se da pré-escola para o ensino fundamental e deste para o ensino médio.

Além das dificuldades com a fala na infância, Amanda diz sobre as eventuais dificuldades de aprendizagem:

Eu só tive um pouco, nos primeiros anos do ensino fundamental, para aprender a ler porque meus pais tinham se separado, era um momento difícil e eu tinha anemia também desde que eu nasci. Aí eu fiquei com anemia até uns 11, 12 anos. E aí eu era muito fraca e aí eu tinha bastantes dificuldades na escola. [...] Eu tive que tomar remédio muito forte.

Amanda participou de atividades extracurriculares através da prática esportiva (time de vôlei da escola) e da participação no jornal e na rádio da escola. “Eu fazia parte do corpo editorial desse jornal da escola e na rádio também, assim, atividades, poucas coisas na rádio”. Amanda relata que não apresentava programas na rádio, pois “não

dava certo. Tinha vergonha, eu queria ficar no jornal, escondida. Não, mas eu era repórter também no jornal, aí eu tinha que ir ao bairro, o que está acontecendo no bairro, fazer entrevistas com as pessoas, na escola. Foi bacana”.

A mãe de Amanda participava da vida escolar das filhas através da frequência às reuniões na escola, do acompanhamento dos boletins e dos cadernos escolares. O auxílio da mãe na realização das tarefas de casa perdurou até a quinta série, momento em que Amanda relata que a mãe não possuía mais os conhecimentos necessários e que, a partir de então, a sua irmã mais velha passou a auxiliá-la. Depreende-se que, neste ponto da trajetória de Amanda, a mãe não possuía capital cultural suficiente para transmitir os valores impostos e legitimados pela escola. Além disso, Amanda relata que a mãe deixou de acompanhar a vida escolar das filhas “porque tinha confiança, ela sabia que era uma boa aluna, sempre teve só elogio, então ela não tinha motivo para desconfiar, então ela confiava que estava bem, então pra ela estava tudo ótimo”. Questionada se havia algum incentivo dos pais para que as filhas estudassem, Amanda diz:

Eles só falavam que tinha que estudar, que tinha que terminar o ensino médio. Que era o básico, para eles tinha que terminar de qualquer jeito, porque eles falavam: ah, a gente está trabalhando, se esforçando para vocês estudarem, então tem que estudar.

O comportamento do pai diante da escolarização de Amanda estava restrito, em suas palavras, a pergunta: “Está indo bem? Então está bom”. Os pais de Amanda não interferiram em suas escolhas escolares, assim como não questionavam, em momento algum, a autoridade do professor. Ao falar para a mãe que havia “professores muito estranhos”, a mãe achava ruim, mas não se deslocava até a escola para questionar a direção escolar ou os professores e que deveria “aguentar”. Por frequentar diariamente a biblioteca da escola no ensino fundamental, Amanda tornou-se amiga da professora responsável pelos empréstimos de livros. Conforme seu relato:

Eu frequentava bastante, eu não saía da biblioteca. Eu ia pra escola das três as sete, aí eu sempre ia mais cedo. Eu ia umas onze horas, almoçava na escola... Não podia almoçar na escola, mas eu fazia amizade com as serventes, aí eu ficava até o horário da aula na biblioteca com a professora. Eu pegava livros, a escola organizava sarau, uns eventos, assim, culturais, aí eu ficava lá ajudando a professora. Era uma forma de estar por dentro.

Ela não possuía um local ou horário específico para estudar e que a melhor opção era a mesa da cozinha. Os pais de Amanda compravam gibis e almanaques

infantis, brinquedos (não pedagógicos) e cadernos de colorir. Sua mãe assistia na televisão a programas de culinária, novelas e ao telejornal.

Dentre suas leituras preferidas, Amanda diz: “Eu lia bastante, antes de entrar na faculdade, que não tinha tanta coisa pra ler, Machado de Assis, gosto de José de Alencar, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector”. Para ela, o seu distanciamento da literatura deve-se ao volume de textos acadêmicos que deve ser lido no interior do curso de Pedagogia. Questionada se, atualmente, lê literatura, diz ela: “Eu parei um pouquinho, estou lendo mais as coisas da faculdade mesmo, mais coisas relacionadas à educação agora”. Em outro momento da entrevista, Amanda relata sua predileção por literatura: “Eu gosto de ler livro de literatura mesmo, literatura clássica, eu gosto de ler Shakespeare também. E tem que ler os livros da faculdade, mas eu gosto de ler. Eu gosto”. Um pouco mais adiante, Amanda diz que: “Eu gosto muito da Clarice Lispector e da Cecília Meirelles”. Amanda relata que o pai lê apenas jornal e que sua mãe “não lê nada, só receitas [risos]”. Por não comprar livros ou frequentar livrarias, ela diz:

Eu pegava emprestado da biblioteca [da escola] mesmo. Pegava bastante livro emprestado. E aí eu ficava lendo durante a semana em casa pra devolver na outra semana. Aí eu comecei a ler bastante livro de literatura. Eu lia livro de arte também, eu gostava daqueles livros de adolescente, aquelas historinhas melosas [risos].

Em diversos momentos da entrevista, Amanda faz elogios à irmã mais velha, considerada por ela como uma pessoa “muito inteligente”. Adiante, Amanda diz sobre a irmã:

Ela sempre foi muito ligada em livros. Ela sempre gostou muito de ler e aí ela buscava outras coisas fora de casa porque em casa não tinha essa coisa com livro, com conhecimento, porque minha mãe não estudou. Ela que ia fora buscar, fazer amizade, quis estudar em escola longe pra poder... Fazia curso. Ela fazia isso pra mim e pra minha irmã.

Amanda pratica pintura e desenho e que frequentou um curso por pouco tempo, mas que aprendeu as técnicas de pintura pela internet. A família de Amanda adquiriu o primeiro computador em 2006 ou 2007, pouco antes do ingresso de Amanda na universidade.

Amanda diz gostar muito de teatro, no entanto, ela diz: “frequentava, mas não com frequência, era às vezes”, assim como não declara interesse por um gênero ou autor preferido. Em cinema ela diz gostar de “quase todos os gêneros, menos o de terror” e que, na infância, frequentava sessões de cinema “quase toda semana” com sua família.

Suas preferências musicais são pela MPB e pela música clássica, destacando também que gosta “um pouquinho de samba, não é todos, mas samba, assim, de raiz”. Na infância, o pai de Amanda levava as filhas ao Zoológico de São Paulo. Ela relata ter visitado um museu pela primeira vez aos 9 anos, com a companhia do pai e das irmãs. O SESC apresenta-se como um lugar de lazer para toda a família de Amanda, que relata tê-lo frequentado “desde pequena”. Diz ela:

Esqueci também de falar que a gente ia bastante ao SESC, assistia peça de teatro no SESC, fazia curso no SESC. Eu fiz curso de pintura, de desenho. [...] É próximo, tem uma unidade mais perto. Aí, a gente ia, tinha piscina, a gente ia na piscina, aí eu ia no SESC também jogar vôlei.

Em sua trajetória de escolarização, Amanda não relata grandes dificuldades econômicas, mas recorda-se do período após o ingresso da irmã mais velha na universidade. Diz ela:

A gente teve que passar a economizar mais porque minha irmã passou na faculdade em 2005 e aí como ela estava aqui, minha mãe tinha que ajudar meu pai, com o dinheiro. Eu estava entrando no ensino médio e minha irmã estava entrando na faculdade. E tinha que morar em república, é um gasto. A gente teve que economizar. Tanto que eu fui estudar nessa escola de ensino médio pública, nesse mesmo bairro, porque a gente não teve condições de pagar, não uma escola, mas de pagar uma condução pra ir numa outra escola do Estado em outro bairro. Porque minha irmã mais velha estudou em uma escola do Estado em outro bairro que era muito boa. Aí, tinha que pagar a condução pra se deslocar, que era bastante tempo, que era longe de casa.

Conforme se verifica, a adoção de uma estratégia educativa (escolha de uma escola pública “melhor”) pela irmã mais velha não pode ser seguida por Amanda por falta de condição econômica (gasto com transporte) e também pela distância da casa até a escola.

A trajetória de escolarização de Amanda é marcada pelas dificuldades de aprendizagem nos primeiros anos, atribuída por ela a separação dos pais. É patente a influência de sua irmã mais velha nessa trajetória. Amanda torna-se legatária dos conhecimentos e barreiras rompidas pela irmã, pois é ela a primeira da família a buscar o ingresso e conquistar uma vaga no ensino superior. Por sua vez, deve-se ressaltar na relação dos pais com a escolarização dos filhos o incentivo à leitura através da compra de gibis e almanaques infantis. O pouco capital cultural dos pais reverte, nas palavras de Bourdieu (2002, p. 55), a uma espécie de “boa vontade cultural vazia”, ou seja, em um

incentivo despojado dos conhecimentos necessários para que ocorra uma transmissão de conhecimentos úteis para que os filhos prossigam nos estudos.

Segundo o relato de Amanda havia diversos cursos superiores que despertavam seu interesse durante o ensino médio. Diz ela:

Lembro que... Eu já pesquisava desde o segundo ano a profissão que escolher. Aí eu fazia uns testes vocacionais pela internet, sempre dava Pedagogia, na área de Humanas, Pedagogia, Ciências Sociais, História e Serviço Social. Eu fiquei entre História e Pedagogia, mas no terceiro ano a professora de português estava enchendo minha cabeça que eu tinha que prestar Letras, porque eu era boa em português, que eu tinha que prestar Letras. Aí eu falei pra ela que eu não queria prestar Letras. [...] E aí na hora de escolher o curso só podia ser curso de licenciatura a isenção, não podia ser outro curso, só licenciatura. Aí eu fiquei em dúvida em História, Letras, Pedagogia e Artes Plásticas, porque era em São Paulo e eu gostava também. Aí eu fui eliminando que Artes Plásticas que tinha prova de habilidade, tinha escultura e eu não sabia fazer e Letras eu não ia querer mesmo e história era em Franca. E aí por ser em Araraquara também, por ser um curso também da minha opção, eu não tinha assim uma primeira, segunda, terceira opção, porque foi muito rápido, nem deu tempo de pensar, assim como... O que eu ia fazer, eu nem ia prestar vestibular, então consegui isenção e... Porque meus planos eram terminar o terceiro ano e não prestar vestibular e fazer um cursinho no outro ano. Porque eu trabalhei no ensino médio e juntei dinheiro pra pagar o cursinho. Então, tudo que eu trabalhei eu juntei e era para pagar o cursinho no outro ano, mas aí eu passei... Escolhi Pedagogia. Não precisei fazer o cursinho.

Assim, depreende-se que as opções de Amanda eram limitadas pelo acesso e pelas regras da obtenção da taxa de isenção para o vestibular. Amanda havia planejado frequentar um ano de curso pré-vestibular, pois não se sentia preparada para as provas do vestibular. Ela tinha uma rotina de estudos em sua casa, pois se utilizava dos materiais do curso pré-vestibular comprados anteriormente por sua irmã mais velha. Diz ela: “do primeiro ao terceiro ano eu peguei coisas de disciplinas do ensino médio através desse material, porque na escola que eu estudava não tinha como”. Questionada sobre o vestibular, ela diz que não estudou, pois a escola era “muito ruim, então passei sem ter estudado nada, não tinha idéia do que caia no vestibular, nada, nada, não sabia. O que eu sabia era que minha irmã mais velha tinha feito cursinho, aí eu estudava pelo material dela”.

A escolha de Amanda representa aquilo que foi chamado por Bourdieu de “causalidade do provável”, ou seja, a “disposição adquirida dentro de certas condições sociais, a referência às suas condições (sociais) de realização de modo que tende a

ajustar-se às potencialidades objetivas” (Bourdieu, 2002, p. 89). Ao dizer o porquê da escolha pelo curso de Pedagogia, Amanda enfatiza: i) a conquista da isenção da taxa do vestibular (apenas para licenciaturas); ii) a localização da faculdade; iii) as exigências do processo seletivo para o curso de Artes Plásticas.

Amanda ingressou na universidade em 2008 através de vestibular realizado no final do terceiro ano do ensino médio. Ela já conhecia o programa Inclusão da Escola Pública da UNESP, pois sua irmã já havia sido contemplada anteriormente. A UNESP concedeu a sua escola vinte (20) isenções da taxa de vestibular, mas Amanda relata que “ninguém queria”. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, Amanda diz que:

É, eu tive um contato, uma relação com a escola, porque eu gostava muito da escola. Tinha aquela sensação de ‘eu não quero deixar a escola’. E eu tive exemplo de bons professores, porque eles representavam pra mim, eu também queria ser isso para outras pessoas. Aí eu escolhi Pedagogia. E também porque eu achava que trabalhar com crianças menores ia ser melhor pra mim, não escolher uma licenciatura pra ser professora. Eu pensei até em História, aí eu desisti.

Em seu círculo de amizades havia apenas uma amiga da irmã formada em Pedagogia. Para Amanda, a amiga da irmã dizia que “valia a pena, não pelo salário”. Ela relata o bom convívio com os professores e, questionada se teve contato com orientador pedagógico, diz que “não, mas de conversar com os professores mesmo”. Segundo ela, houve três professores que a influenciaram, pois ela os admira por serem bons professores.

Dentre as suas primeiras impressões sobre a universidade, Amanda diz que gostou muito e que “achava incrível, um lugar totalmente diferente, mas que eu gostava”. Diz ela:

Eu levei um susto. Por mais que eu já conhecia o espaço físico. Já tinha vindo outras vezes aqui, então eu conhecia tudo aqui. Era um bicho, mas sabia onde era a biblioteca, onde era tudo. Mas, assim, em relação às aulas, eu não estava acostumada com o ensino dessa forma, então eu tive que ralar bastante pra acompanhar.

No início do curso, sua principal dificuldade eram as leituras: “Era um tipo de leitura acadêmica. Você não está acostumado quando chega no primeiro ano, com aquela linguagem, aí a prova é diferente, tem que acostumar”. Sobre essas primeiras impressões, Amanda relata que, no decorrer do curso:

[...] mudou um pouco, eu não tinha a dimensão ainda da faculdade, depois que eu fui ter, no segundo ano. Que depois eu entrei no PET [no segundo ano do curso], aí a gente tinha que fazer bastante coisa. Então eu passei a ver a universidade de uma outra forma, mais geral do que realmente é a universidade, a importância que ela tem.

Conforme aponta Coulon (2008, p. 70): “A universidade é uma experiência de estranhamento radical, o saber, a linguagem, os procedimentos se organizam de maneira diferente daquela do ensino médio”. As primeiras dificuldades encontradas por Amanda na universidade estavam vinculadas aos textos e ao vocabulário utilizado pelos professores, mas, conforme ela relata, “depois eu fui pegando, foi tranquilo”. Assim, Amanda reestrutura seu *habitus* no decorrer do curso, pois muda do estranhamento inicial gerado pelas diferenças entre seu capital linguístico (familiar) e o da universidade (professores) para a integração à universidade (PET, capital linguístico, etc.).

Sobre o rendimento no interior do curso, Amanda relata seu temor inicial com as disciplinas. Diz ela: “não reprovei em nada, tirei nota boa em tudo [risos]. No primeiro ano achava que ia tirar nota vermelha em todas as disciplinas, mas não, tirei nota azul, nota máxima em todas. Eu achava que não ia conseguir terminar e já estou acabando”. Sobre as dificuldades vivenciadas no interior do curso, Amanda diz que teve apenas com “as matérias de psicologia, que eu tinha que estudar além do que eu já estudava nas outras”. Amanda diz que a vida universitária é muito corrida, pois participa de muitas atividades dentro da faculdade. Adianta, ela relata que não participa das atividades extracurriculares, “só quando tem algum evento relacionado à Educação e eu participo também dos eventos da Pós [Pós-Graduação], às vezes”.

A irmã mais velha de Amanda cursou a graduação em uma universidade pública e exerceu forte influência em suas escolhas. Segundo seu relato, seus pais não possuíam conhecimentos sobre a importância social de um curso superior ou de uma universidade pública. Ela diz:

Eles não têm nem a dimensão do que é uma faculdade, porque eles não estudaram, então eles não têm essa dimensão da importância do que é, ou a diferença entre a universidade pública e privada. Então, quando a gente prestou [universidade] pública, meu pai falou: “Pra quê? Se for fazer Pedagogia, paga aqui, faz um curso de Pedagogia pago, não precisa ser... De morar em outra cidade, pode pagar”. Eles não têm esse conhecimento, da importância, de estudar.

Amanda realiza estágios supervisionados desde o segundo ano da graduação. Ao ser questionada sobre o que mais lhe chamava a atenção no interior do curso,

Amanda diz: “Eu acho que o que mais me chamou a atenção mesmo foi o contato com a escola, com a realidade da escola, de estágio”.

Recapitulação da trajetória

Na trajetória de Amanda destacam-se como pontos importantes: i) o incentivo à leitura através da compra de gibis e almanaques infantis em um ambiente culturalmente pobre; ii) a frequência a espaços culturais, como a biblioteca, o zoológico, museus e o SESC; iii) a participação nas atividades da igreja, principalmente o período em que lecionou para as outras crianças; iv) a influência exercida pela irmã mais velha, primeira a ingressar no ensino superior em sua família.

4.2 Retrato Sociológico Dois – Bruna

A entrevista com Bruna foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de novembro de 2011. O tempo de duração foi de duas horas e oito minutos. Ela demonstrou interesse em participar da pesquisa ao responder ao questionário e, após contato por correio eletrônico, aceitou o convite para conceder a entrevista.

Bruna tem 21 anos e estuda no período diurno. Nasceu na cidade de São Paulo e lá residiu até os 13 anos, momento em que sua família se mudou para uma cidade do interior paulista. Durante a graduação reside na cidade de Araraquara. Apesar de sempre terem possuído casa própria, ela diz que a família mudava de bairro com frequência na cidade de São Paulo. Os pais de Bruna se separaram quando ela tinha 15 anos. Bruna reside com seu pai, sua madrasta e um irmão de 17 anos. O pai de Bruna é vendedor e possui graduação em Economia e sua madrasta é secretária e possui graduação em Psicologia. Sua mãe é formada em Letras e leciona em uma escola particular. O avô materno de Bruna era bancário e o avô paterno trabalhava em uma gráfica. Suas avós eram donas de casa. Bruna não sabe até quando os avós estudaram, mas diz que “se estudaram, estudaram até a quarta série”. Tanto os avós maternos quanto os avós paternos residiam na cidade de São Paulo, local de nascimento de seu pai e de sua mãe. Questionada sobre as prováveis consequências da separação dos pais em sua vida, Bruna diz: “Não sei se isso me prejudicou. Acho que não. Eu acho que prejudicou mais o meu irmão, eu não”. Bruna possui pouco contato com a mãe. Diz ela: “Então, quando eles separaram, eu morei com minha mãe por seis meses, aí eu não aguentei porque a

minha mãe é muito ruim, ela sempre judiou muito de mim e de meu irmão”. Atualmente, ela diz que não fala com a mãe e que “já passei o natal lá, mas eu não falo”. A família de Bruna mudou diversas vezes de residência. Ela morou por seis meses em uma cidade do interior paulista e diversos bairros da cidade de São Paulo. Antes de ingressar na universidade, Bruna trabalhou por um ano como vendedora em uma loja de suprimentos de informática. Para Bruna, sua família possui estabilidade econômica. Diz ela:

Assim, a gente sempre foi muito, é, como posso dizer? Por exemplo: se a gente ia no shopping comprar alguma coisa e aí meu irmão queria alguma coisa ou eu queria alguma coisa, não podia comprar. Meu pai virava e falava: não tem como comprar. Sabe, a gente foi muito regulado. Então, nunca faltou pra gente, mas também nunca sobrou, nunca esbanjou. Eu acho que, como posso te dizer, tem uma estabilidade, né?

Até aproximadamente uns 10 anos, a família de Bruna foi sócia de um clube, onde ela praticava natação. Sua família viajava todos os anos para diversos lugares do país, dos quais ela cita o parque Beto Carreiro em Santa Catarina, a cidade de Paraty no Rio de Janeiro e a região Nordeste. Os pais de Bruna frequentavam a igreja católica e se converteram ao espiritismo, sendo que ela frequenta semanalmente o Centro Espírita. Seus pais e avós compravam muitos brinquedos educativos. Seus avós sempre a levaram para o Jardim Zoológico. Ela se recorda de seus pais assistirem jornais e novelas na televisão, mas não era algo frequente e que um avô era assinante de um grande jornal e lhe dava o caderno infantil. Bruna diz que o shopping era um espaço bastante frequentado pela família. Com isso, depreende-se que, na trajetória de Bruna, há diversas práticas culturais que fazem parte da herança cultural herdada no seio familiar.

Toda a trajetória escolar de Bruna ocorreu em estabelecimentos privados de ensino e que ingressou no Jardim de Infância aos 4 anos de idade. Segundo seu relato, ela sempre teve dificuldades de aprendizagem. Diz ela: “Eu sempre tive muita dificuldade, mas eu sempre estudei bastante. [...] Mas eu sempre busquei estudar bastante”. Questionada se seus pais recorreram a professores particulares, Bruna diz que: “Não, pra mim não, só para o meu irmão. Porque a minha escola oferecia bastante reforço, aula de apoio. Quando a gente precisava, a gente ia lá pra esses”. Ela relata que nunca foi boa aluna e que: “sempre era aluna mediana, sempre tirava seis, sete, às vezes ficava de recuperação, mas eu nunca cheguei de ficar de recuperação final. Eu sempre

passei de ano antes do tempo previsto”. O relacionamento com os professores e com seus colegas de escola sempre foi bom.

Bruna mudou de escola diversas vezes. Inicialmente, estudou em uma escola particular de educação infantil até a pré-escola. Depois, estudou a primeira e a segunda série em outra escola, mudando novamente de estabelecimento na quinta série, duas vezes na sexta série e uma vez na sétima série. Depois dessa última mudança, estudou na mesma escola até o final do ensino médio. Ela não sabe informar o porquê de tantas mudanças de residência e escola, mas relata que na sétima série seu pai foi transferido pela empresa ao qual trabalhava para outra cidade, o que a fez estudar por apenas seis meses em uma escola do interior paulista.

Os pais de Bruna participavam ativamente da sua vida escolar. Diz ela:

Então, eles sempre olhavam, sempre falavam quando uma nota estava muito baixa pra eu melhorar. Quando estava boa, eles falavam mantém ou melhora, aí quando eu fiquei de recuperação, a primeira vez que eu fiquei de recuperação foi na sexta série, foi em [cidade] inclusive. Eu fiquei com 5 numa prova e lá era 6 a média. Então ligaram na minha casa, eu não contei pra minha mãe porque eu tinha medo da minha mãe, minha mãe me batia, né gente, então tinha medo de apanhar, essas coisas. Eu não contei pra ela, aí a diretora ligou em casa, aí falou que eu tinha tirado 5, que eu fiquei de recuperação. Aí ela me chamou na cozinha, eu lembro até hoje disso, ela me chamou na cozinha e falou assim: "você tem certeza que você não tem nada pra me contar, você não tirou nenhuma nota baixa?". Aí eu contei, ela me ajudou. Ela falou: eu não vou brigar com você porque você está aqui e está contando e aí ela me auxiliou. Mas, depois eu fiquei de recuperação mais pra frente, mas eles sempre falavam "vai no reforço, vai e busca, vai, não fica pra reprovação".

Bruna sempre teve o auxílio da mãe na realização de suas tarefas de casa, que eram feitas na mesa da sala durante o período da tarde. Seus pais sempre acompanharam os boletins e sua mãe verificou os seus cadernos escolares até o final do ensino fundamental. Questionada sobre o que seus pais falavam sobre a escola, ela diz:

Eles sempre falavam que eu tinha que me esforçar, que eu tinha que passar, que as escolas eram muito boas, que eles pagavam bastante e que eu tinha que me esforçar, mas eles sempre gostavam muito da escola em si. Eles gostavam dos professores, gostavam. Tinha várias atividades, tinha natação, tinha um monte de coisa, que eu não fazia, mas eles gostavam da estrutura, eles gostavam da escola.

Os pais de Bruna frequentavam as reuniões escolares e sempre concordaram com o veredicto escolar. A participação de Bruna em atividades extracurriculares dentro

da escola estava restrita a prática esportiva. Sua predileção era pelo vôlei, mas também praticou futebol e ginástica.

Dentre suas leituras preferidas, Bruna diz: “Eu gosto muito, me divirto com a literatura infantil, até porque eu busco bastante pra dar para as crianças mais pra frente, mas eu gosto mais de ler livros, esses livros de filme, sabe? Marley e Eu, essas coisas mais”. Sobre outras leituras, Bruna diz não gostar das leituras exigidas no curso de Pedagogia. Diz ela: “Eu leio por obrigação, mas não é uma coisa que me interessa”. Ao ser questionada sobre a preferência por algum autor, diz ela:

Não sei, eu gosto de vários. Eu gosto daquele escritor que escreveu, eu não sei o nome dele, que escreveu o Pequeno Príncipe, acho que ele escreve umas coisas legais. Tem um outro, eu não vou lembrar o nome dele agora. Não sei se é homem ou mulher. Um autor ou uma autora. Ela fez vários livros de vários filmes, mas eu não lembro o nome dela.

Ela diz gostar muito de ir ao teatro e que assiste frequentemente as peças em cartaz no Sesi e no Sesc, mas não declara preferência por gênero ou autor. Em cinema, Bruna diz gostar “muito de comédia, romance, comédia romântica, gosto bastante de ficção [...] Gosto muito de filme nacional, assisto bastante também” e que vai ao cinema todos os finais de semana. Ela diz ser eclética em suas preferências musicais. Diz ela:

Eu sou bem eclética, eu gosto de todos os tipos de música, mas na minha adolescência a gente escutava muito pagode e ir em barzinho que tinha. Tinha show, essas coisas. Aí quando vim pra cá conheci muito mais sertanejo porque aqui só toca sertanejo, então a gente vai bastante em barzinho que tem show de sertanejo também.

Apesar de não se recordar da primeira vez em que foi a um museu, Bruna diz que deve ter ido com a escola. Diz ela: “eu não me lembro porque a gente ia pra muitos lugares, tinha muitos passeios com a escola”. Ela diz não ter conhecimentos sobre pintura e que nunca foi a uma exposição. Bruna diz pouco assistir a televisão e que prefere as novelas e os jornais.

Segundo o relato de Bruna, a escola de ensino médio possuía um ensino voltado para o vestibular. Diz ela que:

[...] eles tinham muita relação em vestibular, eles focavam muito. Por exemplo, meu primeiro e meu segundo ano a gente aprendia toda a matéria do colegial, aí a gente chegava no terceiro as apostilas eram voltadas só pra revisão para o vestibular. Então eles focavam muito no vestibular.

Sua primeira opção foi pelo curso de Pedagogia, mas que também chegou a prestar vestibular para o curso de Matemática como segunda opção. Bruna possuía informações sobre as diferentes carreiras e universidades, pois na escola de ensino médio:

[...] tinha palestra, tinha um monte de coisa. Eles traziam, eles mesmos que ajudavam a fazer a inscrição para os vestibulares, eles levavam se era preciso. Teve a UPA, a Unicamp de portas abertas, que eles fazem aquelas exposições na Unicamp, eles levavam, sempre voltava bastante para o vestibular.

Bruna ingressou na universidade em 2008 através do vestibular realizado no final do terceiro ano do ensino médio. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, Bruna diz:

Eu não sabia ainda o que eu queria fazer, mas eu me identificava muito com criança, eu queria ser professora. Eu não queria fazer só isso, eu queria ter uma profissão e também trabalhar como professora, mas aí, no fim das contas, eu vi que o curso que eu mais me encaixava era Pedagogia porque eu gosto muito de mexer com criança, gosto muito de... Ah, dessas partes, da prática, de ensinar, todas essas coisas. Aí foi o curso que eu mais me encaixei. Prestei matemática também, porque eu achei que... Eu gosto muito de matemática, mas eu não cheguei a passar na Unicamp.

As principais influências de Bruna para que ela desejasse tornar-se professora, conforme seu relato, foram sua mãe e uma prima de segundo grau. Diz ela:

Eu queria alguma profissão que desse aula, porque sempre que eu era criança eu brincava de escolinha, sempre me identifiquei, minha mãe professora, eu tinha uma prima professora. Isso influenciou muito que eu quisesse a profissão. Agora, a Pedagogia em si é porque eu gostava bastante de criança. Podia ter gostado de história, geografia, mas eu gosto mais da área com as crianças, não com os mais velhos.

Bruna relata que essa prima a levava para conhecer as escolas em que lecionava e que sempre foram próximas.

As primeiras impressões de Bruna sobre a universidade estão relacionadas ao espaço físico da faculdade. Diz ela que: “Eu gostei muito do campus, porque é muito arborizado, é muita coisa. Eu acho muito gostoso, aqui, estudar aqui é muito bom. É bem calmo, então você pode prestar atenção na aula com calma, porque o campus é bem...”. Nos primeiros dois anos de faculdade, Bruna relata ter tido dificuldades com disciplinas que ela julga serem “mais fortes”, mas que não teve “outras dificuldades”. Diz ela:

Nunca entendi filosofia, muito sociologia, achava muito difícil essas matérias mais teóricas. Então meus amigos me ajudavam bastante, às

vezes, a gente sentava e estudava junto. Os professores também ajudavam bastante. Tinha professor que falava: “se precisar de alguma coisa vai na minha sala que eu tiro dúvida”. É que eu nunca fui porque não precisei mais, mas eles sempre eram bem atenciosos.

Bruna relata que algumas vezes teve dificuldades com o vocabulário dos professores, mas que quando não compreendia algum ponto ensinado em aula ou nos textos, solicitava algum exemplo para os professores e era atendida. Assim, diz que “ficava mais fácil”. Sobre seu rendimento no interior do curso, ela diz:

Acho que tem sido mediano. Por exemplo, semestre passado, eu só tive notas acima de sete, mas já teve semestre, conforme falei, que tirei quatro. Então, varia muito. Às vezes eu tiro... Foram só essas duas matérias que eu peguei RER, mas de resto, acho que minhas notas são boas.

Bruna reside em uma república estudantil e é bolsista na universidade na área de apoio acadêmico, sendo que não possui vínculo de orientação acadêmica. Diz que não participa das atividades extracurriculares da universidade e que, no primeiro ano, frequentava as palestras, “mas eu não participo de congresso, essas coisas assim”. Ela também realiza estágio remunerado em uma instituição privada de ensino, realizando a atividade de Estagiária de Orientação Acadêmica.

Recapitulação da trajetória

Os pontos destacados na trajetória de Bruna são: i) os pais com nível superior; ii) a importância dada pela família para o lazer, como as viagens e a frequência a espaços culturais; iii) a trajetória de escolarização toda realizada em escolas particulares; iv) a participação da família na vida escolar aliada ao desinteresse de Bruna pela escola.

4.3 Retrato Sociológico Três – Célia

A entrevista com Célia foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de setembro de 2011. O tempo de duração foi de duas horas e trinta e dois minutos. Célia respondeu ao questionário e aceitou conceder a entrevista através de contato realizado por correio eletrônico.

Célia tem 23 anos e estuda no período diurno. Nasceu em um bairro da periferia da cidade de São Paulo e reside na mesma casa desde o nascimento. Durante a graduação reside na cidade de Araraquara. Os pais de Célia nasceram em diferentes Estados da região Nordeste e se mudaram para São Paulo na adolescência, a mãe com 17 anos e o pai com 19 anos. O pai de Célia é pedreiro e já trabalhou em diferentes profissões, como garçom e cozinheiro, mas também auxilia a mãe de Célia em uma pequena loja de variedades da qual são proprietários. Célia possui uma irmã com 27 anos. Seus avós maternos e paternos sempre trabalharam na zona rural de municípios do interior nordestino e não frequentaram a escola. Diz ela:

Não, eles realmente não estudaram. Tem um avô, que faleceu a pouco tempo, que ele sabia escrever o nome e um outro que ele sabia escrever. Mas naquela época, até a minha mãe não chegou a estudar. Meu avô materno, ele escreve. Lembro que ele me escrevia cartas, mesmo assim era um letra bem complicada, que ele aprendeu, assim, de alguém que sabia que falou que... Mas não estudou.

Os pais de Célia frequentaram a escola, mas não concluíram os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Seus avós eram analfabetos e viveram “no sítio a vida inteira, zona rural e trabalharam na roça”. Segundo seu relato, seus pais sabem escrever e realizar operações matemáticas. A irmã de Célia graduou-se em um curso superior na área da saúde, mas não exerce a profissão. Seu pai assiste telejornal e sua mãe assiste a novelas e que, em sua casa, “a hora que a televisão fala, você fica quieto”. Segundo ela, seus pais não possuem lazer, pois eles “trabalham, trabalham e trabalham”. Uma vez ao ano a família viaja para visitar os familiares no Nordeste. O bairro que a família reside fica em um dos extremos da cidade de São Paulo e, conforme o relato de Célia, quando a família construiu a casa não havia outros bairros próximos e que “era só mato”. Diz ela que, em sua rua, há muitos assaltos, mas que ninguém da família foi vítima de violência.

Em sua trajetória de escolarização, Célia diz que não teve problemas de aprendizagem. A mãe de Célia trabalhava quando ela nasceu. Assim, Célia foi colocada em uma creche aos seis (6) meses de vida. Após a creche, ingressou no Jardim da Infância e na Pré-Escola. Célia frequentou a mesma escola durante todo o ensino fundamental e outra escola durante o ensino médio. Toda sua trajetória de escolarização ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Célia diz que era boa aluna e que possuía um bom relacionamento com professores e colegas de sala. Célia praticou esportes na escola até a quarta-série, mas parou por possuir um problema de saúde que a

impediu de continuar. Questionada se participava das atividades extracurriculares, Célia diz que: “Grêmio acho que teve uma vez, mas também não quis participar porque eu não era popular, eu não gostava de fazer amizade, então eu não podia participar, eu tinha que ser invisível [risos]”.

A participação da mãe de Célia em sua vida escolar estava restrita a frequência às reuniões escolares, único momento em que tomava contato com o boletim escolar. Ela justifica o comportamento da mãe e diz que “talvez porque os professores falassem: ‘ela é boa aluna, ela faz, que bom, mãe, parabéns’”. Célia diz que seu pai é “distante” e que “até brincava e falava que meu pai não sabia nem quantos anos eu tinha, nem meu nome completo [risos]”. Os cadernos escolares não eram verificados pelos seus pais e eles não perguntavam se havia tarefas de casa a serem realizadas. Questionada se havia alguma forma de cobrança dos pais para que estudasse, Célia diz que não. Sua leitura preferida são os livros de temática espírita. Questionada se possui predileção por algum gênero ou autor de literatura, ela diz:

Depois que eu entrei na universidade eu já não leio mais, isso é um problema. Porque a gente tem tanta coisa pra ler, que eu leio as coisas da faculdade. Eu não leio mais, eu quase não leio mais. Então... Eu não sei o quê que eu gosto. Eu sei que os últimos livros que eu li foram romances espíritas, mas... [silêncio]. Eu não gosto muito de ficção. Eu não sei, talvez eu goste de romance.

Dentre suas preferências musicais, Célia diz gostar de MPB, mas que é “aberta a outros tipos”, mas não demonstra preferência por músicos ou compositores. Ela relata ter assistido a uma peça de teatro “no ano passado”, mas que é “muito caro”. Diz frequentar “sempre” o cinema e gostar “dos filmes bobos [risos]”, demonstrando predileção por filmes de comédia. A família de Célia frequenta semanalmente a igreja Católica, na qual ela participou durante a adolescência de diversas atividades, inclusive ensinando crianças menores. Diz ela: “É, que era um programa assim: criança evangelizando criança, então eu era um pouquinho mais velha, eles eram um pouquinho menores. A gente, depois eu dei catequese um tempo”. Ela diz não assistir a televisão, pois é “muito entediante”.

Depreende-se que a baixa escolaridade dos pais e seu desconhecimento sobre o sistema de ensino revertem-se no baixo investimento escolar na trajetória de Célia. Conforme aponta Nogueira e Nogueira (2002, p. 24): “A vida escolar dos filhos não seria acompanhada de modo sistemático e nem haveria uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. As aspirações escolares desse grupo seriam moderadas”.

Célia não sabe dizer qual era sua primeira opção na escolha do curso superior, pois gostaria de cursar Pedagogia e Psicologia. Conforme seu relato, cursar Psicologia é um objetivo futuro. Diz ela:

[...] na verdade eu sempre quis isso, eu sempre quis fazer algum curso na área da licenciatura e trabalhar com criança. Então eu sempre quis Pedagogia mesmo sem saber Pedagogia, eu queria ser professora. E, quando eu tava no terceiro e, eu sempre quis estudar em universidade pública que eu sempre estudei a vida inteira em escola pública e eu era uma boa aluna em médias, mas eu sempre falei que eu não ia pagar universidade. Ou eu ia fazer faculdade pública ou eu ia ter uma bolsa em alguma faculdade que fosse legal. Mas, eu não tinha conhecimento [...] eu não tinha muita experiência em como era o vestibular, de quais eram as melhores faculdades, eu não sabia de nada. Então, quando eu estava chegando no terceiro ano, no final do terceiro ano, a Unesp tinha um projeto como os melhores alunos da escola pública na universidade, alguma coisa assim, aí minha escola ganhou.

Assim, Célia relata que tomou conhecimento da existência da Unesp através do Programa Inclusão da Escola Pública, convênio entre a Unesp, a Vunesp e a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo que fornece isenções da taxa do vestibular para os melhores alunos do ensino médio das escolas públicas do Estado de São Paulo. Além da Unesp, Célia prestou vestibular para o curso de Psicologia na USP, tendo conseguido a isenção da taxa do vestibular da Fuvest.

Célia ingresso na universidade em 2008 através de vestibular realizado no final do terceiro ano do ensino médio. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, ela diz:

Eu queria ser professora. Não sei, talvez porque meu círculo de familiares não tinha um estudo, então quando eu ia... Talvez seja isso, eu não sei. É uma hipótese. Aí eu via as professoras, elas eram inteligentes [risos], eu queria ser como elas eram, não sei. Mas eu gostava disso e eu brincava de escolinha. Sabe, todas aquelas coisas e eu sempre falei que eu queria ser professora. Depois quando eu fiquei maiorzinha eu queria prestar psicologia porque eu queria juntar as duas coisas, não ser psicopedagoga, mas juntar a pedagogia com a psicologia e trabalhar psicologia com crianças e aí quando eu pensei em prestar universidade, prestar o curso superior, eu fiquei na dúvida se eu prestava psicologia ou pedagogia aqui porque eu tinha que prestar licenciatura na Unesp [...].

Célia diz que não havia professores em seu círculo de amizades. Durante a adolescência ela frequentou uma ONG próxima a sua casa por três anos, local em que fazia um curso de desenho. Diz ela: “um professor que era meu professor de desenho que me ajudou muito a ver a educação de uma maneira mais diferenciada. E abria esse

lado de que eu quero pedagogia”. Quando cursava o ensino fundamental, ela relata ter frequentado com a ONG as exposições de pintura e museus. Sobre as primeiras impressões sobre a universidade, Célia diz que, no começo:

[...] sofri muito quando eu vim pra cá, porque eu não queria ficar, porque eu não ia ter amigos, porque eu não ia conseguir, porque, aí, eu não gosto de beber, eu não gosto de ir em festa, então todo mundo ia ser contra mim e... E no começo todo mundo era, porque, afinal de contas, eu era ‘bichete’, mas hoje já não é mais. Eu aprendi a lidar com isso.

Célia escolheu prestar vestibular para o campus de Araraquara, apesar de não possuir informações sobre a Faculdade e sobre a cidade. Apenas após a aprovação, Célia interessou-se em buscar essas informações e que “virou o site” da faculdade e da prefeitura da cidade. Questionada se teve alguma dificuldade no início do curso, Célia diz: “Eu tinha medo que eu achava que eles sabiam muito e eles sabem muito. E eu falava: meu deus”. Nesses primeiros meses do curso, Célia procurava passar despercebida durante as aulas. Diz ela:

Eu ficava abaixando a cabeça que tinha [silêncio] escondida no meio da galera pra ninguém me ver, não fazer pergunta porque eu não ia saber de nada e eu me sentia... gente, eles sabem tanto, eu não sei nada, eu não vou conseguir saber, eu não vou conseguir. Eu ficava meio bitolada, assim, que eu tinha que... Então, eu todo dia lia os textos.

Sobre o vocabulário dos professores, Célia diz que tinha dificuldades para entendê-los no início do curso, mas que os próprios professores, por serem, conforme suas palavras, “didáticos”, auxiliavam os estudantes a superarem essa dificuldade. Sobre as leituras do curso, ela diz que “tinha dificuldade também”, mas que seguia a recomendação de um dos professores que dizia para “ler quatro vezes cada texto”. Diz ela que: “então aí você entendia o texto porque você tinha que dobrar ele todo. Aí foi indo”. Nos dois primeiros anos do curso Célia foi bolsista na área de apoio acadêmico, sem vínculo de orientação. No primeiro ano do curso pensou em pedir transferência para a USP, mas desistiu porque não abriu vaga naquele ano e, também, porque “estava gostando das meninas com quem eu morava e já estava trabalhando [...] e já estava me engajando e eu gostava”. Diz ela:

No final do segundo ano, aí eu estava decidida que, mesmo sem saber nada, eu queria fazer alguma outra coisa, porque aquele trabalho era muito prático, eu não pensava. Então, eu queria fazer um grupo, um grupo de pesquisa, uma iniciação [científica], mas eu queria, eu queria alguma coisa que eu tivesse bolsa porque, não porque meus

pais falam alguma coisa, mas porque eu queria também ganhar meu dinheiro. E aí eu entrei para um projeto de extensão [...].

Questionada sobre o seu rendimento no curso de Pedagogia, Célia diz que suas médias melhoraram após deixar o primeiro vínculo como bolsista, pois “tinha mais tempo para estudar e porque o meu trabalho também refletia”. Como bolsista de um projeto de extensão com vínculo de orientação, Célia diz frequentar os eventos acadêmicos que ocorrem na faculdade e que: “Hoje eu vou, mas também como eu acordei meio tarde, então tem pouca coisa agora e o tempo, às vezes, não dá, porque eu tenho estágio de manhã, aula à tarde e as coisas do projeto de extensão, o trabalho fazer a noite”. Ela diz que não lê todos os textos dos programas das disciplinas, mas que possui boas médias.

Com isso, Célia demonstra ter tido, nos primeiros meses do curso de Pedagogia, uma conduta “por demais ‘escolar” (Bourdieu, 2002, p. 55). Ou seja, enquanto sentia-se inferiorizada pelo ambiente universitário, ela buscava adequar-se ou “afiliar-se” nos dizeres de Coulon (2008) ao seguir algumas recomendações de seus professores, como ler diversas vezes os textos cobrados nas disciplinas e, adiante, participar de atividades (grupos de estudo, projetos de extensão, etc.) que até então ela sentia-se incapaz.

Recapitulação da trajetória

Destaca-se na trajetória de Célia: i) a origem social em um ambiente com pouco capital cultural; ii) as experiências vividas em uma igreja e em uma ONG; iii) o “tempo do estranhamento” nos primeiros meses no curso de Pedagogia; iv) um comportamento por demais escolar na busca pela afiliação ao ambiente universitário.

4.4 Retrato Sociológico Quatro – Daiane

A entrevista com Daiane foi realizada na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de novembro de 2011. O tempo de duração da entrevista foi de uma hora e cinquenta e três minutos. Após responder ao questionário, Daiane foi convidada a conceder a entrevista através de contato por correio eletrônico e contato telefônico.

Daiane tem 22 anos e estuda no período noturno. Reside desde o nascimento em uma cidade do interior paulista. Ela reside com os pais e mudou-se de casa apenas uma vez (aos 8 anos), quando a família adquiriu a casa própria. Sua única irmã, mais velha cinco anos, casou-se há um ano e reside com o marido. O pai de Daiane é escriturário e possui nível técnico. Ele trabalhou em outros lugares, como banco e fábrica, mas faz muitos anos que está no emprego atual. Sua mãe é professora, fez magistério e formou-se em Pedagogia em uma universidade pública, exercendo também um cargo de direção escolar. A irmã de Daiane possui curso superior e trabalha como atendente em uma empresa pública e seu cunhado possui graduação e trabalha na área de informática. Os avós maternos possuem uma pequena propriedade rural, sendo que lá residem e trabalham. Seus avós paternos viveram e trabalharam na zona rural até a aposentadoria. Daiane não possui informações sobre a escolaridade dos avós, mas diz que eles sabem ler e escrever um pouco, mas não os define como analfabetos. Seu pai assiste telejornal e pouco comenta as notícias e sua mãe não assiste televisão. Em sua casa, seu pai lê o jornal da cidade e sua mãe é leitora de livros espíritas. O pai de Daiane é católico, mas frequenta pouco a igreja, enquanto ela, sua mãe e sua irmã são espíritas e frequentam semanalmente o Centro Espírita. Na igreja Católica ela fez o catecismo.

Daiane ingressou em uma creche particular aos 4 anos. A partir da pré-escola todo seu percurso escolar foi realizado em estabelecimentos públicos de ensino. Aos 7 anos, ingressou em um curso de dança oferecido por uma escola municipal. Durante o ensino médio obteve o diploma de técnico em dança. Além da dança, Daiane relata ter praticado vôlei na escola. Ela diz que sempre foi boa aluna e que, antes de ingressar na escola, já sabia ler e escrever um pouco. Daiane mudou de escola apenas quando ingressou na quinta série. Além da dança, Daiane fez aulas de natação e frequentou a academia do clube em que a família era sócia em sua infância e adolescência. No Centro de Línguas, da Secretaria Estadual de Educação, Daiane frequentou aulas de inglês e francês.

Ao ser questionada sobre o que os pais falavam da escola, diz ela: “Me falar, assim, acho que eles não me falavam muito, mas o jeito da minha mãe sempre me mostrou que era importante. Assim, ela não precisava falar muito: ‘estuda, faz isso, faz aquilo’”. Daiane diz que o pai até frequentou reuniões escolares, mas foi algo esporádico. Por outro lado, a mãe de Daiane acompanhou a escolarização das filhas,

frequentando as reuniões e, através do contato profissional com outras professoras, se informando do que ocorria com elas no ambiente escolar.

O percurso escolar de Daiane foi marcado pela boa convivência com os colegas e professores. Diz ela que não teve problemas de aprendizado e que sua família nunca recorreu a professores particulares. Os pais de Daiane verificavam poucas vezes seus cadernos escolares, sendo que acompanhavam o desempenho escolar através dos boletins e do contato da mãe com os professores das filhas. Daiane não possuía um local ou horário específico para estudar. Diz ela:

Não. Assim, tinha sossego pra estudar, mas eu também não ficava em casa porque fazia dança, era três vezes por semana, aí nos outros dias eu fazia natação, eu sempre tava fazendo alguma coisa.

Ao ser questionada sobre o que gosta em literatura, Daiane diz que “de romance eu acho”. Diz ela: “Assim, pegar um livro desses escritores não, gosto de, eu não pego livro, eu vejo um pouco na internet. Gosto de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu eu gosto”. Dentre suas preferências musicais, ela diz preferir música nacional e gostar de Ana Carolina e Maria Gadú. Também diz gostar de “sertanejo universitário”, ao qual ela classifica como “modinha”, pois “não precisa procurar, você escuta porque está tocando toda hora”. Daiane diz frequentar o cinema uma vez por mês e gostar de comédia romântica e comédia. Em relação ao teatro, diz ela: “Eu até gosto, mas a minha cidade não tem, então tenho muito pouco contato com isso”. Ela diz não possuir interesse por pintura. Daiane diz assistir televisão e que seus programas preferidos são novelas e telejornais, mas que também assiste “algum programa de auditório ou outro”. Sobre pintura, ela diz não ter muito interesse.

Ao término do ensino médio, Daiane prestou vestibular para o curso de Educação Física. Diz ela que essa era sua primeira opção, mas que: “Não sei porque também, nunca tive desde sempre ‘aí eu quero isso’, então foi na hora”. Como não foi aprovada nessa primeira tentativa, Daiane fez um ano de curso pré-vestibular particular. Sobre o curso pré-vestibular, ela diz:

Acho que lá eu vi muita coisa que eu não consegui ver na escola pública, principalmente de história e geografia, que eu sempre tive... História ainda não gosto muito, mas lá eu aprendi a gostar de geografia no cursinho e, acho que foi isso que me ajudou a passar no vestibular.

Nesse período teve orientação pedagógica com uma psicóloga, amiga de sua mãe, e que “tinha dado ou Pedagogia ou Educação Física. Como eu já tinha prestado

Educação Física uma vez, resolvi prestar Pedagogia”. Ao ser questionada sobre a escolha do curso de Pedagogia, diz ela: “Baseado na minha mãe, assim, no trabalho dela. Por ter dado na orientação vocacional, mais por isso. Por ter tentado Educação Física um ano, não ter passado. Aí falei vou tentar outra área, aí deu certo”.

Nos dois anos em que prestou vestibular, ela optou apenas por concorrer a uma vaga na UNESP. Diz ela: “Eu prestei o mais perto de casa mesmo. Não foi a faculdade, foi a localização”. Daiane ingressou na universidade em 2008 através do vestibular. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, diz ela:

Acho que, mesmo não querendo, a minha mãe me influenciou um pouco assim, por ver o trabalho dela. Dizem que não é, mas eu gosto de criança, acho que foi a forma que eu encontrei com ter contato mais com elas. É isso.

A influência da mãe sobre a escolha do curso é ressaltada em outro momento da entrevista, mas como algo indireto, pois seus pais a incentivavam, mas não influenciaram sua escolha. Daiane também cita outra professora, mãe de uma amiga, como provável influência para a escolha do curso.

Ao ingressar no curso, suas primeiras impressões foram: “Foi meio complicado. Eu não gosto muito de teoria, eu gosto mais de prática, então foi bem cansativo”. A participação de Daiane nas atividades da faculdade estão restritas a frequência as aulas, pois viaja durante a noite de sua cidade até Araraquara apenas para isso. Sobre as atividades extracurriculares oferecidas pela faculdade, Daiane diz frequentar apenas aquelas que são em horário de aula, quando os professores “liberam”, conforme seu relato.

Questionada sobre as dificuldades encontradas no curso, Daiane diz que: “É mais filosofia, sociologia. Eu já... uma certa aversão, eu não gosto muito”. Sobre o vocabulário dos professores e sobre os textos, ela diz: “É mais no curso que eu tinha dificuldade com os termos das ciências humanas que eu nunca gostei muito. Eu nem sei porque eu escolhi [Ciências] Humanas. Nunca soube, mas do resto não”. Durante os primeiros anos, Daiane ficou em dúvida em permanecer no curso. Para ela:

No começo eu fiquei meio perdida, questionando se era isso mesmo que eu queria, mas ao mesmo tempo eu estava feliz. Agora que eu comecei eu vou terminar. [...] É, não sou muito animada com o curso, assim, eu gosto do curso e tal, mas a realidade, por eu estar [realizando estágio] numa escola que é problemática, acho que me desanimou um pouco. Se der certo eu continuo na profissão, assim, continuo não, eu entro na profissão.

Daiane diz que seu rendimento no interior do curso poderia ser melhor, mas que “não é um dos piores”. Sobre a faculdade, diz ela:

Acho que eu não dedico tanto quanto eu deveria me dedicar. Por ser cansativo viajar todo dia, talvez se eu não... Essa parte da teoria que é um stress. Não me encanta tanto, eu prefiro que ‘faça isso’ do que ‘leia isso’. Eu prefiro a parte da prática.

Sobre o vocabulário dos professores em sala de aula, Daiane diz: “alguma coisa ou outra eu não entendia. Sociologia, antropologia, assim, foi meio complicado”. Daiane não vivenciou a universidade como uma estudante, uma universitária, mas como uma aluna (Coulon, 2008). Esse distanciamento tem uma razão geográfica, pois ela reside em outra cidade e desloca-se diariamente até Araraquara e também pela incerteza diante da escolha e do futuro profissional. Destaca-se também sua predileção pelo prático em detrimento ao teórico.

Recapitulação da trajetória

Dentre os pontos que merecem destaque na trajetória de Daiane, estão: i) a profissão dos pais (mãe professora e pai em cargo de nível médio); ii) a ambiguidade do interesse dos pais em sua escolarização (acompanhamento distante e aparente desinteresse); iii) o distanciamento da vida acadêmica; iv) a provável reprodução da trajetória da mãe professora.

4.5 Retrato Sociológico Cinco – Elisa

A entrevista com Elisa foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de novembro de 2011. O tempo de duração foi de uma hora e trinta e sete minutos. Elisa respondeu ao questionário em sala de aula e, prontamente, aceitou o convite para conceder a entrevista através de contato telefônico.

Elisa tem 23 anos e estuda no período diurno. Ela nasceu em uma cidade do interior paulista e lá reside com seus pais e duas irmãs. Elisa também possui um irmão mais velho que se casou recentemente. O pai de Elisa nasceu no interior paulista, é vendedor e concluiu o ensino fundamental (oitava série). Sua mãe nasceu na cidade de São Paulo, é dona-de-casa e também faz bolos por encomenda, tendo graduação em Educação Física. O irmão mais velho de Elisa possui nível superior e trabalha na área de

formação. Os avós paternos de Elisa eram proprietários rurais, mas ela não sabe dizer quais atividades eles realizavam. Seu avô materno era comerciante e sua avó materna dona-de-casa. Sobre a escolaridade dos avós, Elisa não possui muitas informações, sendo que sua avó paterna era alfabetizada e a avó materna havia estudado até a oitava série. Dos avós ela não possui essa informação. O pai de Elisa foi vendedor e também comerciante por um breve período, tendo decidido continuar com as vendas de forma autônoma. As irmãs de Elisa são crianças e frequentam uma escola particular. Elisa relata que sua família sempre possuiu casa própria. Sobre a televisão, ela diz que seu pai assiste aos telejornais de diversos canais, enquanto sua mãe assiste a filmes, a novelas e a telejornais. Ela não se recorda de ver o pai lendo e que sua mãe é leitora de livros espíritas. Sua família é católica e, às vezes, frequenta o Centro Espírita. Na igreja ela diz ter feito catequese e crisma.

Elisa ingressou no ensino infantil aos 4 anos em uma creche privada. Todo seu percurso escolar foi realizado em estabelecimentos privados de ensino. Elisa relata que, no início de sua trajetória de escolarização, teve dificuldades com a escrita. Questionada se sabia ler e escrever antes do ingresso no ensino fundamental, diz ela:

Olha, eu acho, eu não lembro, mas eu acho que não, porque eu lembro de estar no pré, passando para o primeiro ano, a professora veio conversar com a minha mãe pra eu ficar estudando durante as férias porque eu tinha dificuldade. Agora, eu não consigo lembrar, eu só lembro dela falando da minha dificuldade, aí acho que eu fiquei chocada, sabe? Então, eu não lembro disso, de escrever, do quê que era. Mas eu acho que eu tive dificuldades em escrever.

Em diversos momentos, Elisa diz não gostar de estudar. Tal comportamento e crença são ressaltados como definidores de várias decisões ao longo de sua trajetória. Diz ela:

Nossa, nunca gostei de estudar, sempre dei muito trabalho pra minha mãe. Sempre cheia de recuperação, mas nunca reprovei. Quando o bicho apertava resolvia estudar.

Não, eu nunca fui bagunceira na sala de aula, as professoras já falavam "como a Elisa está de recuperação?". É porque eu não gostava de estudar.

É porque era preguiça mesmo, eu não estudava porque eu não queria estudar, não era porque eu tinha dificuldade naquilo. Se eu pegasse, que nem eu... Na recuperação eu tirava nota sozinha. Então era na base da bronca mesmo. No grito [risos]. Não gostava de estudar.

Meu pai sempre forçou, me forçou muito a fazer Medicina, mas eu que já não gostava de estudar, não posso ver sangue na frente, jamais faria medicina.

Impossível pra mim fazer aquela prova da Ufscar porque tinha física, química aberta, não sabia fazer nada. Já não gostava de estudar. Não sabia nada de matemática.

Porque quando eu fui falar com um professor meu no cursinho eu queria fazer comunicação social, jornalismo, que eu gostava, mas eu tenho tanta preguiça de escrever que eu falei: "não dá certo".

Quando o irmão de Elisa foi para o ensino médio em outra escola, seus pais tomaram a decisão de transferir Elisa para a mesma escola dele. Segundo ela, isso ocorreu: “Porque meu irmão passou para o primeiro colegial e como o foco foi sempre o vestibular, o [escola] é muito mais forte”. A mudança ocorreu da sexta para a sétima série. Essa troca de escola, enquanto estratégia educativa que visava futuramente o vestibular, também representa uma boa vontade cultural vazia dos pais de Elisa, pois eles não demonstram conhecimentos sobre o sistema de ensino e as prováveis rentabilidades dos diferentes cursos e faculdades.

Elisa relata ter tido poucos problemas de convivência com seus colegas durante o ensino básico, algo que considera normal. Conforme seu relato, a convivência com seus professores sempre foi boa e que “sempre me dei muito bem com meus professores, aquela ‘puxa-saco’ era eu”. Na escola ela fez teatro e que “sempre fiz balé, a vida inteira, dentro da escola”. O pai acompanhava seu desempenho escolar através das informações transmitidas por sua mãe, que frequentava todas as reuniões escolares, conversava com os professores e verificava seus cadernos. Diz ela:

Minha mãe sempre acompanhou. Se ficava feio, ela arrancava a folha, ajudava a fazer tarefa, sempre foi, porque de manhã ela ainda não trabalhava, e eu estudava a tarde. Então, de manhã, ela ficava comigo fazendo tarefa, fazendo coisa em casa, então sempre.

Nas escolas em que estudou eram realizadas feiras de ciência, momento em que seu pai ia juntamente com sua mãe. Ela diz que a mãe “ficava em cima” e que o pai mostrava-se presente quando “tinha alguma coisa errada”. Questionada sobre o que os pais falavam da escola, diz ela:

Meus pais sempre procuraram dar uma boa educação porque eles falam que a única coisa que eles podiam deixar pra gente era isso. Então que eles iam se matar pra conseguir e eles procuravam uma boa escola. As escolas que eu estudei foram muito boas. Isso que eu me lembro, que eu acho assim.

Elisa diz que frequentava as bibliotecas das escolas em que estudou, pois algumas aulas eram lá realizadas e que os alunos tinham que levar livros para casa, os quais ela lia por imposição da mãe. Apesar disso, diz ela que: “Eu comecei a frequentar

a biblioteca no cursinho, eu acho, terceiro colegial. Não lembro de ir na biblioteca ir pegar um livro”. Elisa teve aulas de violão e teclado, mas diz que “não dava”. Com as escolas, ela relata ter ido a museus e outros lugares, dos quais não se recorda. Seus pais sempre compraram para os filhos jogos educativos e cadernos de colorir. Ela relata que, até o nascimento de suas irmãs, os pais viajavam todos os anos, principalmente para uma estância turística no interior mineiro e para a praia.

Dentre suas leituras preferidas, diz gostar de Clarice Lispector, mas que lê muito pouco literatura e também não demonstra interesse. Diz gostar de música sertaneja e também de MPB, mas não demonstra preferência por algum artista específico. Elisa relata que frequenta bastante o teatro, “desde stand-up até show de música clássica eu vou, eu gosto muito”. Elisa diz gostar muito de assistir comédias no cinema, mas que assiste todos os gêneros. Diz não se interessar por pintura e que não assiste à televisão. Em sua trajetória, relata que nunca teve dificuldades econômicas e que sempre teve tudo que quis, algo que para ela já não ocorre com suas irmãs menores.

Elisa prestou vestibular para o curso de Psicologia ao término do ensino médio, assim como após fazer um ano de curso pré-vestibular na mesma escola em que realizou seu ensino médio. Elisa cogitou prestar vestibular para Comunicação Social – Jornalismo, mas não concretizou isso por “ter preguiça de escrever”. Segundo ela, o interesse pela Psicologia deve-se ao desejo de trabalhar na área de Recursos Humanos e que, após as duas primeiras tentativas, descobriu que Pedagogia também estava relacionada a esta área, mas que “hoje eu já desisti dessa área, eu sou apaixonada pela educação mesmo, eu quero educação”. Ela fez dois anos de curso pré-vestibular. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, ela diz: “Foi aquilo que eu falei, que eu queria RH, que foi o jeito mais fácil que encontrei de entrar nessa área, mas só isso que eu acho. Não consigo ver outra coisa”.

Elisa ingressou na universidade em 2008 através do vestibular. Ela diz que os pais não influenciaram em sua escolha, mas que o pai sempre quis que os filhos cursassem Medicina. Apesar de ter tido contato com orientador pedagógico, Elisa diz que isso “não ajudou em nada”.

Sobre o ingresso na universidade, suas primeiras impressões estão ligadas ao novo estilo de vida, principalmente por não residir com os pais. Diz ela:

Eu gostei muito porque era, tinha liberdade que [na cidade de origem] eu não tinha, que meu pai sempre me controlou: "aonde você

vai? Você vai sair de novo?". Aqui eu saio, hora que eu chego que eu quero, eu chego hora que eu quero, eu vou onde eu quero e eu acho aqui muito fácil de eu me localizar. Eu vou muito mais fácil para os lugares. Pela cidade ser menor.

Elisa relata que não teve dificuldades com o vocabulário dos professores, pois nenhum “forçava na hora de falar”. Em relação as disciplinas e aos textos, ela diz que teve muita dificuldade com as aulas de filosofia e que ficou de dependência (DP) nessa disciplina, pois “não entra na minha cabeça, uma coisa que não dá [...], não consigo aprender, pra mim não dá”. Segundo relata, essa dificuldade ocorreu apenas nessa disciplina. Dentro da universidade, Elisa participou de um projeto de extensão sem vínculo de orientação. No último ano da graduação, Elisa tornou-se bolsista PIBID. Sobre as atividades realizadas no interior do curso, ela diz:

Então, o que me fez... Fiquei apaixonada pelo curso. O que me ajudou foram os estágios. Principalmente o que a gente fez de creche II eu acho. Que foi o que a gente pegou alfabetização, que é a área que eu mais gosto. Que é o PIBID que não é mais obrigatório pra mim, eu já acabei todos os meus estágios. Eu quis alfabetização porque eu gosto. E eu gostei muito do de gestão também. Foram as coisas que mais... Não gosto, não tem nada que eu tenha em sala de aula que me faça gostar de estar ali. As vezes quando estou no estágio, falo "nossa, é aquilo". Ou alguma atividade que eu tenho que fazer.

Assim, Elisa diz não se interessar pelas aulas e que o interesse pela Pedagogia está relacionado à prática vivenciada através dos estágios obrigatórios. Ela diz não gostar da área acadêmica ou de pesquisa e que frequenta os eventos promovidos pelo PET de Pedagogia e pela Empresa Jr, gerida por estudantes da Faculdade de Ciências e Letras e vinculada à universidade. Elisa opõe sua trajetória aos desejos do pai, que desejava que ela cursasse Medicina e demonstra desinteresse pelos estudos antes e durante a universidade, optando pelos estágios e práticas manuais em detrimento das disciplinas de cunho teórico.

Recapitulação da trajetória

Na trajetória de Elisa destacam-se como pontos importantes: i) a origem social em um ambiente familiar sem dificuldades econômicas e com práticas rotineiras de lazer; ii) a trajetória de escolarização realizada em escolas privadas; iii) a falta de empenho de Elisa para com os estudos; iv) a boa vontade cultural vazia dos pais ao por em prática uma estratégia educativa visando o vestibular.

4.6 Retrato Sociológico Seis – Fabiana

A entrevista com Fabiana foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de outubro de 2011. O tempo de duração foi de duas horas e quatorze minutos. Fabiana aceitou o convite para a entrevista após responder ao questionário e através de contato telefônico.

Fabiana tem 32 anos e estuda no período noturno. Nasceu e reside em uma cidade de médio porte do interior paulista. A mãe nasceu em um estado do Nordeste e o pai nasceu no interior paulista. Segundo Fabiana, seus avôs maternos mudaram de cidade e Estado diversas vezes, até se estabelecerem no interior do Paraná. Seus avôs paternos residiram em várias cidades do interior paulista até se estabelecerem no interior do Paraná. Os pais de Fabiana se casaram no Paraná, onde tiveram seus dois filhos mais velhos, enquanto que Fabiana e sua irmã mais nova nasceram no Estado de São Paulo. Os avôs maternos e paternos de Fabiana residiam e trabalhavam na zona rural. Fabiana relata que, dentre seus avós, apenas seu avô paterno sabia ler e escrever, mas que nenhum deles frequentou a escola. Fabiana reside com o pai e a mãe. Ela possui três irmãos, todos casados e residindo na mesma cidade que Fabiana. O irmão mais velho obteve o diploma de nível superior em uma universidade pública, mas exerce um cargo técnico em área diferente de sua formação. Os outros irmãos de Fabiana possuem nível técnico e atuam como tal. Seu pai é comerciante, estudou até a segunda ou terceira série do ensino fundamental e trabalhou por muito tempo como pedreiro. Sua mãe é dona-de-casa e estudou até a segunda série do ensino fundamental. A primeira experiência profissional de Fabiana ocorreu aos 16 anos como balconista em um comércio. Fabiana relata que a casa em que residem desde seu nascimento pertence a um dos avôs. A renda da família de Fabiana é composta pelo seu salário e pela renda do comércio do pai. Em sua casa, Fabiana teve contato com jornais e revistas através de seu irmão mais velho.

Fabiana ingressou na escola na primeira série aos 7 anos, não tendo frequentado creches ou pré-escola. O mesmo ocorreu com seus irmãos, como imposição do pai. Diz ela:

Na primeira série, a gente não fez, meu pai também não, falava que não precisava pra minha mãe, ficava em casa e que naquela, eles tinham aquela mentalidade de que vai pra creche a mãe que trabalha, a mãe que trabalha que não tem onde deixar o filho vai pra creche. Então, ele tinha essa mentalidade. Então, como a minha mãe não ia,

ele não pôs ninguém na creche, nenhum de nós. Então, assim, o meu irmão que ensinava a gente o básico pra gente poder chegar lá na primeira série já sabendo pelo menos escrever o nome.

Todo o percurso escolar de Fabiana ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Segundo seu relato, por um breve período ela teve dificuldades na escola. Diz ela:

Eu precisei no segundo ano dobrar período, porque na época a professora falou pra minha mãe que eu não conseguia acompanhar a turma, então na época era assim, você estudava, como eu estudava de manhã, então a tarde eu tinha que ir no reforço. Rever as atividades, tal. Lembro que eu chorava [risos], chorava muito porque meus irmãos chegavam de manhã, almoçava e “ah, eu vou brincar”, e eu aí, eu tinha que tomar banho pra voltar pra escola. Mas, foi só no segundo, na segunda série.

Na escola, Fabiana não participava de nenhuma atividade extracurricular. Ela relata que praticava vôlei e participava de algumas competições esportivas, mas que era impedida pelo pai de participar de competições em outras cidades. Para ela: “ele tinha medo de acontecer alguma coisa. Ele não gostava muito que eu... E, às vezes, eu pedia: ‘pai, vou em tal lugar’, ‘não, não, não, não vai’. E a resposta era não. Ele não tinha um motivo, é não e acabou. [...] Porque não? ‘Porque eu não quero’”.

A mãe de Fabiana frequentava as reuniões escolares, mas não acompanhava a realização de tarefas. Segundo ela, a mãe apenas perguntava “se tinha alguma coisa”, pois “ela também não sabia”. Para a realização das tarefas escolares, Fabiana recebia o auxílio de seu irmão mais velho. Fabiana estudou todo o ensino fundamental em uma escola pública próxima a sua casa e o ensino médio em outra escola, também próxima. Fabiana relata que sempre teve bom convívio com seus colegas e professores. Durante seu ensino médio, Fabiana gostaria de ter feito o magistério, que era oferecido em uma escola distante de sua casa. Ela diz se arrepender de não ter cursado o magistério, mas que isso ocorreu porque era muito concorrido e havia a necessidade de “dormir na fila”.

Questionada sobre a participação de sua família em sua vida escolar, Fabiana diz:

Não, meu pai ele falava que tinha que passar assim, mas ele não ficava assim, vendo se eu tinha tarefa ou se eu estava indo bem na escola, se eu, por exemplo, mostrasse um boletim pra ele e tivesse tudo azul, ele falava é obrigação sua, você não faz mais do que a sua obrigação, você só faz isso, você está na escola. A minha mãe já elogiava um pouco mais, mas o meu pai não.

Fabiana diz que era boa aluna e que sua mãe não se preocupava, pois os professores sempre a elogiaram nas reuniões. Sobre o acompanhamento das atividades, Fabiana diz que a mãe não olhava muito e que o pai “de jeito nenhum”, pois, para ele, “isso é coisa da sua mãe, sabe, aquela coisa de homem?”. Sobre o futuro escolar dos filhos, Fabiana diz:

Eles não, eles achavam que a gente tinha que fazer, é o ensino médio, terminar o ensino médio. Pelo menos isso a gente tinha que fazer, agora, se eu ia fazer faculdade ou não... Tinha que terminar o ensino médio, eles não, assim, acho que faculdade era algo muito distante deles, por eles não ter nem terminado o ensino básico, então eu acho que era pra eles era uma coisa impossível de se acontecer. Eu acho que é por isso que eles não incentivavam tanto. Ah, é difícil de entrar, você vai ter dinheiro pra pagar uma faculdade particular? Porque eu não tenho pra pagar pra você, então você tem que trabalhar se você quiser... era mais ou menos assim, sabe.

Questionada se os pais fizeram essa afirmação, Fabiana relata que não, mas:

Eu acho que é isso, mas eu sabia que eles não tinham dinheiro pra pagar uma faculdade particular, isso eu sabia. Se eu quisesse fazer uma faculdade ou eu teria que estudar muito pra entrar numa pública ou eu teria que pagar e pra eu pagar eu teria que trabalhar, porque eu sabia que eles não tinham condições. Mas isso é o que eu imaginava, mas era a realidade que acontecia.

Durante seu percurso escolar, Fabiana relata que teve um breve período de dificuldade econômica em sua família, pois o pai ficou desempregado. Nesse período a renda familiar era obtida pelo irmão mais velho. Além de auxiliar nas atividades escolares, o irmão mais velho de Fabiana é apresentado por ela como um modelo. Diz ela:

O que me incentivou assim, de ver estudar foi meu irmão mais velho. Por ele trabalhar, ele sempre foi um dos melhores alunos da escola, foi melhor aluno [escola técnica] quando ele estudou, ele trabalhava, ele estudava, ele tanto quando ele foi o melhor aluno [...] ele ganhou a bolsa [...] em São Paulo. Foi lá que ele fez o curso [da profissão que exerce], assim, ele sempre foi o meu, como se fosse meu espelho.

Por ter sido o único em sua família a cursar o nível superior antes de Fabiana, o irmão mais velho foi seu principal incentivador. Após o término do ensino médio, Fabiana não prosseguiu seus estudos. Aos 18 anos, Fabiana passou a trabalhar em uma instituição educacional exercendo diversas funções, inclusive acompanhando os alunos. Seis anos após o término do ensino médio ela ingressou em um curso técnico.

Após um intervalo de 2 anos, Fabiana foi aprovada em um processo seletivo para um curso pré-vestibular popular. Ela frequentava as aulas no período noturno e

estudava aos finais de semana. Após um ano de curso pré-vestibular, Fabiana não foi aprovada no vestibular, mas ficou na lista de espera. Fabiana relata que não iria frequentar novamente o curso pré-vestibular e nem prestar vestibular, mas seu irmão a convenceu a tentar novamente.

É, eu fiz um ano, prestei e não passei. Aí eu ia desistir, chorei muito, falei não, não é justo, eu trabalho o dia inteiro, estudo de sábado e domingo, eu ia para o banheiro eu levava apostila, eu não assistia televisão, eu não saía de casa, só estudava, estudava, estudava, estudava. Falei: “não é possível isso, não foi suficiente ainda”. Ficava pensando que não tinha sido suficiente. E quando eu fiquei na lista de espera, eu falei assim, aí o pessoal fala que roda, vamos torcer que vai chamar. Chamaram até o que estava na minha frente, aí eu fiquei decepcionada porque eu passei [sua colocação], fiquei em [sua colocação] na lista de espera, chamaram até o [uma posição a sua frente]. Aí eu fiquei muito, muito assim decepcionada, falei não, eu estudei demais, não é justo que quem tem dinheiro está lá, ficou o dia inteiro estudando e eu não, né, não tive oportunidade, tal. E aí eu falei para o meu irmão que eu ia desistir. Ele falou assim: “Você vai desistir agora? Se você ficou em [sua colocação] na lista de espera é que você tem condições, se você estudar mais um ano você vai estar dentro da lista. Não pode desistir agora. Você jogou um ano fora então. Um ano da sua vida você jogou fora então”.

Assim, Fabiana frequentou o curso pré-vestibular popular por mais um ano. Sobre a importância do curso pré-vestibular popular, Fabiana diz que não teria conseguido a aprovação sem a disciplina de estudos ensinada pelos seus professores. Relata também que não cogitou frequentar um curso pré-vestibular privado. Diz ela: “Eu não tinha nem pensado nessa possibilidade. Eu tinha pensado já em pular o cursinho, já que eu tinha que pagar, eu ia já pagar direto a universidade”.

Fabiana diz gostar de literatura infantil e aponta a escritora Ana Maria Machado como sua preferida. Ela frequenta pouco o teatro e diz não possuir nenhuma preferência. Diz gostar de ir ao cinema, mas frequenta pouco por não ter disponibilidade de tempo. Ela prefere as comédias românticas. Entre suas preferências musicais, Fabiana diz: “Eu sou eclética, eu gosto de, assim, tipo, ouço Djavan, eu ouço Paula Fernandes, eu ouço Titãs, ouço Renato Russo, então, assim, coisa bem de estilo diferente”. Em sua casa teve contato com jornais e revistas através de seu irmão mais velho que, mesmo depois de casado, comprava e levava para que ela os lesse. Questionada se assiste televisão, ela aponta dois programas humorísticos e um de variedades como seus preferidos. Não possui preferências sobre pintura. Relata que sua família não viajava e não era sócia de clubes. Sua família sempre frequentou a igreja

católica, tendo inclusive sido coroinha por dois anos e feito crisma e primeira comunhão, mas que nunca participou das atividades da igreja.

Após o término do ensino médio, Fabiana frequentou algumas aulas do curso de Letras como aluna ouvinte, mas diz que não se interessou pelo curso. Relata que, nesse período, prestou vestibular para o curso de Biblioteconomia em uma universidade federal e para o curso de Pedagogia da UNESP, mas que não estava preparada. Segundo ela, foram 10 anos de intervalo entre o ensino médio e a entrada no curso pré-vestibular popular. Ao entrar no curso pré-vestibular, Fabiana diz que o seu objetivo era ser aprovada para o curso de Pedagogia. Ao final do primeiro ano de curso pré-vestibular, Fabiana pagou a inscrição, pois acreditava que não conseguiria a isenção por trabalhar. No ano seguinte foi contemplada com a isenção através do curso pré-vestibular popular. Também prestou vestibular para uma faculdade privada, pois “se eu não passar na Unesp, de qualquer maneira eu vou fazer Pedagogia”.

Fabiana ingressou na universidade em 2008 através do vestibular realizado ao término do segundo ano do curso pré-vestibular. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, Fabiana diz: “Acho que pelo fato de já querer ser professora, eu fui atrás pra saber quais eram os cursos que me davam essa oportunidade de exercer a profissão”. Outro ponto importante para a sua decisão foi sua experiência profissional. Fabiana prossegue:

Depois de muito tempo trabalhando lá na escola, eu achei que eu deveria me aperfeiçoar. Eu acho que os alunos, eles mereciam que eu aprendesse mais pra poder trabalhar com eles. [...]. Então, isso que me motivou. [...] Em primeiro plano foi essa idéia que eu pensei, de me aperfeiçoar, de ter mais conhecimento e levar pra escola onde eu trabalho. Em segundo me melhorar também.

Ela relata possuir diversos amigos e amigas que são professores e que seu irmão mais velho, além de exercer a função de técnico em uma grande empresa, é professor em um colégio técnico. Fabiana nunca teve contato com orientador pedagógico e diz que a principal influência para prestar vestibular para o curso de Pedagogia foi sua experiência profissional. O percurso de Fabiana dentro da universidade foi marcado pelo estranhamento inicial e pelo distanciamento da vida acadêmica. Por trabalhar durante o dia e ir a universidade no período noturno apenas para frequentar as aulas, Fabiana não participa dos eventos acadêmicos ou qualquer outra atividade oferecida pela universidade. Sobre suas primeiras impressões, Fabiana diz:

Eu acho que os, o primeiro ano foi muito difícil pra mim. Não estava acostumada com o estilo da universidade, o jeito deles darem aula e o jeito da gente se comportar mesmo. Como que era fazer prova, como era fazer trabalho, tudo muito diferente, tudo muito... Tem toda uma, uma regra pra você fazer um trabalho, você tem que seguir as normas da ABNT, tal, é muita conversa, muita leitura, aquilo que a gente não vê no ensino médio. Não via no cursinho, né?

Adiante, Fabiana diz que “estava sendo muito difícil” e que pensou que “não ia conseguir terminar de fazer. Sobre os textos e o vocabulário dos professores ela diz que teve dificuldade, pois eram “muitas palavras que eu não conhecia, que eu não sabia o que significava”. Conforme seu relato: “não sabia nem quê que era o que eles estavam falando”. Sobre seu rendimento no interior do curso, Fabiana diz “que não é ótimo, mas eu estou dentro do padrão”. Ela diz ler todos os textos do curso e tirar as dúvidas com os professores em sala de aula. Questionada se teve dificuldades de interpretar os textos, ela diz:

Isso, de entender o que o texto tava querendo passar. Às vezes, assim, eu tinha a dificuldade na leitura, mas quando o professor ele explicava, eu conseguia entender. Então, às vezes, dava tempo de eu ler de novo o texto e aí eu entendia melhor, mas na primeira leitura, assim, sem o auxílio do professor ficava complicado de eu entender.

Fabiana diz que, em certo momento do curso, pensou em desistir, mas que sua mãe a demoveu da idéia. Diz ela: “Eu chegava em casa chorando, falando mãe, não dá, não aguento, não vou mais. Ela falou imagina, você passou tudo o que você passou pra entrar [...]”. Ao ser questionada sobre o que mais lhe chamou a atenção no curso de Pedagogia, Fabiana diz que “cada coisa teve a sua importância”, mas relata que gostou muito das disciplinas e os estágios em educação infantil. No momento da entrevista, Fabiana aproxima-se de sua formatura (faltam dois meses) aparentando o mesmo “tempo do estranhamento” de sua entrada na universidade. Por trabalhar em tempo integral, pouco participou da vida acadêmica e, nas palavras de Coulon (2008), irá sair da universidade como aluna e não como uma estudante.

Recapitulação da trajetória

Na trajetória de Fabiana destacam-se como pontos importantes: i) a origem social em um ambiente com baixa posse de capital econômico e cultural; ii) a ausência de lazer no ambiente familiar; iii) o papel desempenhado pelo irmão mais velho na trajetória de Fabiana; iv) o estranhamento ao ambiente universitário.

4.7 Retrato Sociológico Sete – Gabriela

A entrevista com Gabriela foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de setembro de 2011. O tempo de duração foi de duas horas e sete minutos. Gabriela aceitou participar da pesquisa através de contato por correio eletrônico.

Gabriela tem 22 anos e estuda no período noturno. Reside desde o nascimento na mesma cidade (no interior paulista) de nascimento de seus pais e de residência de seus avós. A família de Gabriela mudou de casa diversas vezes, mas permaneceu no mesmo bairro. A compra da casa própria ocorreu meses antes de Gabriela ser aprovada no vestibular. O pai de Gabriela é vendedor e já trabalhou em diversos lugares, tendo abandonado a faculdade no último ano do curso. Sua mãe é funcionária pública municipal e possui o nível médio. O avô paterno de Gabriela era mecânico e sua avó paterna dona-de-casa. Sua avó materna foi funcionária pública e concluiu o ensino médio através do supletivo. Gabriela não possui outras informações sobre a escolaridade e profissões dos seus avós. Residem com Gabriela: o seu pai, a sua mãe e um irmão adolescente. Gabriela tem dois irmãos mais velhos e casados, filhos de seu pai. Até os 12 (ou 13) anos, sua família era sócia de um clube e lá ela frequentava a academia e praticava natação. Na infância, Gabriela frequentou a igreja católica com sua família e participou de várias atividades, como encontros religiosos, piqueniques e crisma. Sua mãe frequenta semanalmente a igreja.

A trajetória de escolarização de Gabriela iniciou-se aos 2 anos em uma creche particular que, nesse período, encerrou suas atividades. Assim, ela foi transferida para uma creche pública em seu bairro. Gabriela ingressou na primeira série aos 7 anos em uma escola pública, ao qual permaneceu até a quarta série. A quinta série foi realizada em outra escola pública. Durante a quinta série, Gabriela relata que teve greve de professores, o que fez seus pais a transferirem para uma escola particular a partir da sexta série. Diz ela: “Ela [sua mãe] só me colocou porque ela percebeu que eu estava chateada com aquela situação e que eu gostava de estudar, então ela falou: ‘vamos investir’. Ao término do ensino fundamental, Gabriela participou de diversos processos seletivos para bolsas de estudo nas escolas particulares de sua cidade. Ela foi aprovada

em um dos processos seletivos e fez todo seu ensino médio como bolsista em outra escola privada com o que ela julga ser uma pequena mensalidade. Em sua trajetória de escolarização, Gabriela relata que sempre foi boa aluna, nunca reprovou ou ficou de recuperação e que sempre manteve um bom relacionamento com colegas e professores. Relata também ter sempre sido amiga de seus professores. Sua família a considerava uma criança precoce. Por isso, ela realizou um teste de quociente de inteligência (QI) aos cinco anos a pedido de seus pais e que o teste “deu acima da média”.

A mãe de Gabriela participava de sua vida escolar frequentando as reuniões escolares, olhava seus boletins e cadernos. Sua mãe verificava seus cadernos escolares todos os dias e auxiliava nas tarefas até a sexta série. Depois dessa série, Gabriela diz que sua mãe parou de lhe auxiliar, pois “ela também não sabe muito”. O pai de Gabriela pouco acompanhava sua vida escolar. Apesar do acompanhamento da mãe, Gabriela diz que seus pais não lhe cobravam bom desempenho escolar. Em uma das escolas particulares que estudou, Gabriela participava das atividades esportivas como basquete e ginástica olímpica em um clube privado, através de um convênio com a escola. Por recomendação médica, também frequentava aulas de natação. Foi através de um convênio da escola pública de primeira a quarta série que Gabriela fez balé. Durante um breve período no ensino médio, Gabriela frequentou aulas de inglês em uma escola de idiomas. Aos 19 anos, ela teve sua primeira experiência profissional na função de caixa em um estabelecimento comercial. Ela relata que frequentava semanalmente a biblioteca municipal para realizar os trabalhos escolares. Gabriela diz que não possuía um local ou horário específico para estudar. Dentre suas preferências culturais, Gabriela diz gostar de literatura. Diz ela:

Eu gosto de literatura, por exemplo, que eu li bastante, bastante, bastante, eu já li Iracema, eu já li, tipo, os livros do vestibular. Li o Primo Basílio, li Machado de Assis, é o, como chama, que tem o Bentinho, como chama? Aí, li tanto, li o Cortiço que eu gostei bastante, li muitos, nossa. Li os Miseráveis que eu gostei bastante.

Em música, ela aponta a influência de seu tio, que sempre lhe recomendou que ouvisse determinados artistas. Suas preferências são por: “Adriana Calcanhoto, Ana Carolina, Djavan, Nando Reis, Cássia Eller, é... que mais? Eu gosto de Zeca Baleiro, eu gosto, que mais?”. Gabriela diz não frequentar o teatro e que gosta de filmes franceses, não apontando preferência por nenhum diretor. Diz que não assiste televisão e que gosta de “alguns quadros do Van Gogh”.

Apesar de ter tido contato com orientador pedagógico no decorrer do ensino médio, Gabriela afirma que isso não teve influência em sua escolha. A primeira opção de Gabriela era pelo curso de Química, mas que não prestou vestibular para esse curso, pois “fiquei com medo, assim, sou meio medrosa, tive medo”. Segundo ela diz, prestar vestibular para o curso de Pedagogia foi por “falta de opção”. Gabriela prestou vestibular ao término do ensino médio e, depois, após frequentar um ano de um curso pré-vestibular popular. Para ela, o curso pré-vestibular foi importante “porque eu gostava de lá e eu consegui estudar bastante, eu consegui entender bastante”. Ela diz que não fez o curso pré-vestibular na escola privada porque não queria continuar estudando lá, mas também porque não teria como pagar as mensalidades. Gabriela conseguiu a isenção da taxa do vestibular.

Gabriela gostaria de ter prestado vestibular em outras faculdades, mas que sua mãe a impediu, pois não a deixaria morar em outra cidade. Diz ela: “Ela [sua mãe] jogou toda a responsabilidade nas minhas costas: ‘você não conta que eu vou te dar um centavo, só que não dá pra eu prestar, passar numa faculdade fora da minha cidade e ela não me dar um centavo’”. Assim, depreende-se que as escolhas de Gabriela foram reduzidas em dois momentos: primeiramente, por não se achar capaz de concorrer ao curso que era sua primeira opção e, em um segundo momento, por não poder concorrer em outras universidades públicas. Gabriela prestou vestibular apenas para o curso de Pedagogia e para a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Gabriela ingressou na universidade em 2008 através do vestibular realizado após frequentar um ano de um curso pré-vestibular popular. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, ela diz: “Eu achava muito difícil prestar química, passar, eu não queria mais fazer cursinho e aí eu, assim, eu sempre gostei de estudar, sempre tive boas notas, gostava e aí, vamos tentar”. Adiante, ela reforça sua opinião sobre o vestibular para o curso de Química: “porque eu não conseguiria passar”. Gabriela diz que uma amiga da família é professora e que sempre a acompanhou na preparação das aulas. Ela relata que a única influência que teve dos pais na hora da escolha do curso, foi a imposição de que não fosse em outra cidade.

Gabriela relata um estranhamento no início do curso e que “no primeiro semestre eu não gostei não. Eu gostava das aulas, tipo Filosofia I [...], gostava das aulas. Eu não achava tão diferente, absurdamente diferente do colegial não”, mas que o estranhamento passou rápido, pois ela diz que “fui me adaptando, aí eu quando me

adapto também, tudo deu certo”. Ela diz que, em seu primeiro ano, não teve nenhuma dificuldade com os textos ou o vocabulário do professores. Nos primeiros meses do curso, Gabriela conciliou a faculdade com seu emprego, mas que pediu demissão do trabalho para se dedicar a faculdade, pois até então só frequentava a faculdade nos horários de aula.

No segundo semestre do curso, ela diz que seu comportamento em relação ao curso e a faculdade mudou. Diz ela:

Aí eu comecei a me informar mais sobre, eu perguntava mesmo para os meus colegas, como fazia pra ter bolsa, como funcionava. Até então era totalmente aérea aqui na faculdade, não entendia nada, como funcionava nada, não tinha noção de nada. A não ser vir aqui, ter aula e ir embora trabalhar. Aí eu comecei a perguntar, perguntar, perguntar, e comecei a ir fuçando e correndo atrás.

Ela relata que passou a gostar muito de uma disciplina e que “lia os textos, eu tipo, eu dormia com os textos do lado porque eu dormia lendo os textos e eu gostava muito”. Foi a partir desse momento que Gabriela passou a entender, conforme seu relato, “como funcionava pra bolsa”. A partir do segundo ano do curso, ela ingressou como não bolsista no PET e passou a buscar orientação com um professor da disciplina que mais gostava. Assim, Gabriela passou a ser bolsista de iniciação científica (CNPQ) e deixou de participar do PET no segundo semestre do segundo ano do curso. Sobre as atividades realizadas dentro da faculdade, Gabriela diz ter participado de muitos eventos, alguns como organizadora. Sobre as atividades realizadas no interior do curso, Gabriela diz ter preferência pelas disciplinas teóricas e que não gosta das atividades práticas, como os estágios obrigatórios do curso. No ambiente universitário, Gabriela adere aos valores da universidade e chega a ter um comportamento “por demais ‘escolar’” (Bourdieu, 2002, p. 55), pois busca a inserção no ambiente universitário em diversas frentes (PET, orientação, eventos, etc.).

Recapitulação da trajetória

Na trajetória de Gabriela destacam-se como pontos importantes: i) a origem social em um ambiente com posses limitadas contrastada com uma escolarização em escolas privadas; ii) a causalidade do provável presente na escolha do curso ao não prestar Química por sentir-se incapaz para tal; iii) o comportamento por demais escolar no ambiente universitário; iv) a reestruturação do *habitus* no ambiente universitário.

4.8 Retrato Sociológico Oito – Helena

A entrevista com Helena foi realizada nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara no mês de setembro de 2011. O tempo de duração foi de uma hora e cinquenta e cinco minutos. Helena aceitou participar da pesquisa e conceder a entrevista após contato telefônico.

Helena tem 24 anos e estuda no período diurno. Nasceu em uma cidade da Grande São Paulo e residiu em diversas cidades e estados até sua família se estabelecer em uma cidade do interior paulista. Conforme relata, as mudanças ocorreram sempre que seu pai foi transferido pela empresa que trabalhava. Os avós paternos de Helena residiam na cidade de São Paulo, sendo que o avô paterno de Helena formou-se em Contabilidade e foi proprietário de uma fábrica. Sua avó paterna concluiu o ensino médio e trabalhou no setor de turismo, mas não sabe em qual área. Sua avó materna frequentou o curso de Letras, mas Helena não sabe informar se ela concluiu o curso. Seu avô materno era comerciante, mas ela não sabe a sua escolaridade. Eles residiam em uma cidade de médio porte do interior mineiro. O pai de Helena possui nível superior e trabalhou por muitos anos como representante comercial de uma grande empresa em sua área de formação. Atualmente, o pai de Helena é palestrante profissional. A mãe de Helena é dona-de-casa e concluiu o nível médio. Em sua casa moram seus pais e uma irmã ainda criança. Sua outra irmã, mais jovem, graduou-se em uma universidade pública e trabalha em um laboratório farmacêutico em outra cidade. Os pais de Helena se conheceram na cidade do interior de Minas Gerais em que residia a família de sua mãe no período em que seu pai lá morou para cursar a faculdade. Sua família frequentava um Centro Espírita, mas atualmente diz que a família não possui uma religião. Até os 8 anos, sua família era sócia de um clube e que, atualmente, sua mãe frequenta o SESC. Ela relata que frequentava o cinema com sua família. Ela diz que viajou para diversos lugares com sua família, como para o Nordeste, Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Helena ingressou em uma creche particular aos 3 anos. Sua trajetória de escolarização ocorreu apenas em estabelecimentos privados de ensino. Devido as mudanças da família, Helena ficou dos 3 aos 5 anos em uma creche. A família mudou para outra cidade quando ela tinha 5 anos. Ela permaneceu na mesma escola até a

segunda série, quando tinha 8 anos. Helena estudou na mesma escola da terceira série do ensino fundamental até o término do ensino médio. Seus pais participavam ativamente de sua vida escolar. Eles frequentavam as reuniões, verificavam boletins e cadernos e auxiliavam nas tarefas escolares. Diz ela: “Minha mãe fazia tarefa de casa comigo todos os dias. Meu pai, só aprendi tabuada por causa do meu pai”. Ela diz ter tido dificuldades de aprendizagem em matemática, mas que sua família não recorreu a professores particulares, pois a escola oferecia reforço escolar e, tanto o pai quanto a mãe de Helena, auxiliavam nas tarefas escolares. Adiante, Helena relata a importância que os pais davam para a escola e a escolarização dos filhos:

Então, assim, eles davam muito valor, que eu tinha que ter até o ensino médio, eu tinha que estudar, como dizia o meu pai: “você só tem isso pra fazer, então a sua, a sua obrigação é ir na escola, chegar em casa e estudar e aprender, porque você não faz mais nada, você não trabalha, você não precisa cuidar de casa, não precisa fazer nada”. Então ele falava que eu tinha que estudar pra aprender, pra saber ler, pra conhecer o mundo, pra conhecer... ele fazia eu assistir muito jornal, então, assim, ele sempre deu muito valor que eu tinha que aprender, que eu tinha que ir na escola, que isso era muito importante. Minha mãe também, minha mãe sempre valorizou isso, ela falava: “algumas coisa que eu não tive eu quero que vocês tenham, estudando e no futuro entrar no ensino superior”. Para eles escola era muito importante.

Sobre os boletins, Helena relata: “Vixi! Nossa! Eu lembro uma vez que eu vim uma média vermelha de matemática. Gente, eu não queria levar o boletim em casa porque eu sabia que o meu pai ia falar. Meu pai falava: ‘eu pago pra você estudar, pra você ir bem, se vier com outra vermelha você vai para um colégio público’. Eu morria de medo disso”. Ela diz que o pai utilizava a escola pública como uma ameaça. Diz ela: “tinha uma escola pública perto de casa que era muito violenta, sabe, e eu morria de medo de ir para aquela escola, por causa disso”. Sobre o relacionamento com os colegas de escola, Helena diz que foi ter uma boa convivência apenas no ensino médio, pois tinha um comportamento de isolamento diante da sala de aula. Ela diz:

Nossa, eu fiquei na terceira série até a sexta eu era isolada, ninguém falava comigo. Eu sempre era a última da educação física pra ser escolhida. Por isso que eu não participava de grêmio. Em grupo, sabe quando montava grupo, eu sempre sobrava. A professora tinha que falar, aonde que a Helena vai? Quem vai ficar com a Helena? Era um inferno isso, não tinha amizade, não tinha, me infernizavam [...].

Helena relata sempre ter tido um bom relacionamento com seus professores. Além das reuniões escolares, os pais de Helena mostravam-se presentes em outros momentos. Questionada se os pais iam à escola além dos dias de reuniões, ela diz:

Eles iam na escola, brigavam, discutiam e aí se não desse. Que era tudo coisas que eles achavam que a escola tinha que dar um jeito, sabe. Eram coisas, não era qualquer motivo besta, não, eram motivos mais... Então, eles iam, conversava e eles só iam embora depois que resolvesse. Sempre levaram em consideração o que eu falava, sabe.

Helena relata que até o término do ensino médio era ela quem definia o horário e o local para estudar em sua casa. Ao iniciar o curso pré-vestibular, seu pai lhe cobrava que estudasse mais. Diz ela: “Então, no ensino médio era na hora que eu queria. No cursinho eu tinha. Eu só podia dormir 20 minutos depois do almoço, já vinha meu pai me cutucar e eu tinha que estudar o dia inteiro”. Na escola, ela praticava vôlei e handebol e, em uma escola de idiomas, fez aulas de inglês. Segundo ela, seu pai “lê muito” e possui um armário “cheia de livros”. Helena diz gostar de literatura, mas que é “péssima de nome de autores”. Ela diz:

Então, literatura eu li muito no ensino médio, li no cursinho. Eu li uns porque eu queria ler mesmo, uns que minha avó... Mas, literatura é a minha paixão na hora de ensinar, na hora de aprender os movimentos, né? Romantismo, realismo, essas coisas. Mas, os livros que eu gosto, que eu leio hoje em dia são muito diferentes, nem são tanto de Pedagogia, são muito diferentes. Não é tanto essa literatura brasileira, vamos dizer, não é literatura. Que nem, hoje mesmo, ontem, que essa semana não estou tendo aula, estou lendo O Pequeno Príncipe, é uma literatura, mas é diferente, não é? Quando eu fiz 18 anos eu tentei ler meio que Maquiavel, porque meu professor de redação pediu pra eu ler, então eu tentei ler, depois tive que ler de novo. Então assim, meu pai manda eu ler Nietzsche, vou tentar ler Nietzsche um dia. Então são esses tipos de livros que eu gosto de ler. Literatura brasileira eu dei uma afastada.

Ela diz frequentar o cinema e que prefere os filmes de ação e filmes com lições: “sabe essas coisas que põe você pra pensar, tipo, pensar na vida, que nem o Poder do Amor?”. Helena gosta de música sertaneja. Sobre teatro, ela diz adorar, mas que frequenta pouco, tendo preferência pelo teatro infantil. Em relação à televisão, Helena diz:

Eu sou muito influenciada pelo meu pai, entendeu? Então, assim, Globo lá em casa nem pensar, proibido, não pode. SBT? Proibido. Então, assim, só assiste quando a minha irmãzinha não está em casa, mas o que eu gosto na televisão é, eu gosto de ver o History Channel, Discovery Channel, adoro esses canais assim, Globo News às vezes eu sou obrigada a assistir. Então, assim, filme, adoro ver filme na televisão, mas aquele dia que eu não quero saber de nada, que eu estou cansada de tudo, ainda mais pós entrega de relatório, eu assisto uma novela na Globo [risos]. Coisas assim.

O pai de Helena envia, constantemente, notícias jornalísticas através de correio eletrônico. Sobre pintura, ela diz achar bonito e admirar quem tem “esse dom”. Por

indicar livros e enviar notícias a filha, depreende-se a tentativa do pai em tornar Helena uma leitora contumaz, o que parece não surtir o efeito esperado, pois ela não demonstra grande interesse pela literatura ou pela leitura como um todo.

Helena teve contato com o orientador pedagógico e relata que: “sempre dava que eu tinha que fazer coisas pra me mexer com gente. Ou era advogado, sempre ali nessa área”. Ao término do ensino médio, ela prestou vestibular para o curso de Ciências Sociais, curso que prestaria vestibular nos dois anos seguintes. Ela fez dois anos e meio de curso pré-vestibular particular. Sobre a escolha do curso superior, ela diz:

Então, na verdade, Pedagogia eu nunca quis Pedagogia. Não suportava criança, não suportava nem o fato de ser professora, mas eu queria fazer Ciências Sociais, meu sonho era Ciências Sociais, aí no terceiro colegial eu prestei Ciências Sociais, levei uma “rabada”. No primeiro ano de cursinho, eu fiquei na portinha, não passei. Aí no segundo ano de cursinho eu fiquei muito doente, mesmo assim eu tentei de novo, aí eu fiz um terceiro ano de cursinho. Aí não dava mais, aí eu entrei em depressão, quase tive que tomar remédio. Aí eu falei: “quer saber, vou por Pedagogia pra transferir”, mas no fim me apaixonei por Pedagogia.

Conforme seu relato, a escolha do curso de Pedagogia foi unicamente “porque era o curso mais fácil para entrar daqui” e que seu objetivo era “transferir para [Ciências] Sociais”. Apesar de acompanhar e cobrar de Helena maior empenho nos estudos, seus pais não interferiram em suas escolhas no período do vestibular. O comportamento dos pais, nesse caso, assemelha-se ao “liberalismo” (Bourdieu, 2009, p. 10) encontrado nas camadas populares. Conforme pôde-se verificar, apesar de incentivar a leitura no ambiente doméstico e cobrar empenho de Helena nos estudos, seus pais não aparentam possuir muitos conhecimentos sobre o sistema de ensino, bem como sobre os cursos e faculdades de maior prestígio.

Ao optar pelo curso de Pedagogia com o objetivo de uma futura transferência, Helena relata ter tido o apoio dos pais. Além da UNESP, Helena prestou vestibular para Pedagogia em uma universidade federal, mas que também pensou em prestar vestibular para os cursos de História e Filosofia, pois tinha conhecimentos sobre os outros cursos e profissões. Sobre a escolha pela universidade pública em detrimento da particular, Helena diz:

Meu pai ele é formado numa faculdade particular, então pra ele se a gente tivesse particular ele não ia ligar, mas a minha mãe ela sempre quis que a gente fizesse faculdades públicas e meu pai falava: “eu não

quero pagar faculdade, se eu pago colégio particular é pra vocês fazerem uma faculdade pública. Eu não vou pagar a vida inteira”.

Helena ingressou na universidade em 2008 através de vestibular realizado no final do terceiro ano de curso pré-vestibular. Suas primeiras impressões sobre a faculdade e o curso de Pedagogia, bem como o seu comportamento no primeiro ano, estão relacionados ao seu objetivo inicial de transferir para outro curso.

Então, os primeiros seis meses eu levei na barriga, porque eu não aguentava mais, fiz tanto cursinho, estudei tanto, que os primeiros seis meses eu aproveitei tanto, eu saí tanto, eu não queria saber. Aí, meu pai falava: “o que você vai fazer?”, “pai, depois eu penso na transferência”. Então aproveitei muito, muito, muito assim, sabe. Aí no segundo semestre que eu entrei naquela crise, o quê que eu vou fazer agora? Aproveitei mais ainda, esqueci da minha transferência, nem pensei em transferência.

Sobre as aulas, ela diz: “achei chato, que é tudo introdução”. Helena relata ter tido poucas dificuldades com os textos ou com o vocabulário dos professores, porque “nunca tinha pego textos daquela forma” e que “tinha uns que eu tinha que esperar o professor ensinar”.

A partir do segundo ano, Helena passou a ser bolsista em um projeto de extensão. Através da professora coordenadora do projeto, Helena passou a ser bolsista de iniciação científica com vínculo de orientação e que já não pensava mais em transferir de curso, pois passou a gostar “cada vez mais” do curso. Diz ela: “Hoje, depois de 4 anos, depois da bolsa, depois de estágio, se eu soubesse no terceiro colegial já tinha prestado Pedagogia, já tinha entrado direto, não tinha sofrido com cursinho”. Ela participa dos eventos promovidos por sua orientadora e daqueles com temas de que gosta, como palestras e minicursos. Helena não sofreu estranhamento com o capital linguístico do meio acadêmico. Por outro lado, sua adesão ao curso de Pedagogia ocorreu lentamente, após o ingresso em um projeto de extensão.

Recapitulação da trajetória

Na trajetória de Helena destacam-se como pontos importantes: i) uma trajetória social marcada pelo conforto doméstico; ii) uma escolarização sem dificuldades realizada em escolas particulares; iii) o incentivo do pai para Helena tornar-se uma leitora; iv) o ingresso no curso de Pedagogia objetivando a transferência para o curso de sua preferência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução desta pesquisa em dois momentos, primeiramente com a aplicação do questionário e seus resultados (Seção 3) e, no segundo momento, a realização das entrevistas e a elaboração dos retratos sociológicos proporcionou, nos limites propostos, o entendimento daqueles que optaram por cursar Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP.

Tendo em vista que a coleta dos dados restringiu-se aos estudantes que ingressaram no ano de 2008, entende-se as limitações que há para a elaboração de um perfil que possa ser apresentado, genericamente, como sendo da totalidade dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Para a elaboração de um perfil completo seria necessário o acompanhamento e a coleta dos dados com estudantes ingressantes em diferentes anos. Assim, o que o presente trabalho buscou foi a elaboração de um esboço de um perfil dos estudantes através das limitações impostas pelo recorte apresentado (ingressantes em 2008).

Pode-se vislumbrar a existência de algumas regularidades entre a população pesquisada. Há o predomínio de estudantes do sexo feminino (95%), com idade média de 24 anos no momento da coleta dos dados (moda de 23 anos) e idade média de 20 anos (moda de 20 anos) no momento de ingresso no curso. Os estudantes eram provenientes, em sua maioria (60%), de cidades com distâncias de até 100 quilômetros da faculdade. Metade dos alunos (50%) realizou seus estudos no ensino básico integralmente em escolas públicas e 25% integralmente em escolas privadas. A renda das famílias dos estudantes era de até dez salários mínimos para 90% das famílias, sendo que para 43,3% não ultrapassava três salários mínimos. Os dados indicam baixa escolaridade para a maioria dos pais e mães dos estudantes, com alto índice de abandono escolar no ensino fundamental. Conforme verificado, os pais e mães dos estudantes exercem atividades profissionais de baixa ou nenhuma qualificação, dentre as quais diversas mães são donas de casa. Faz-se necessário a coleta de dados de forma contínua para que seja possível a elaboração de um perfil dos estudantes que ingressam nesse curso de Pedagogia.

Ao optar pela apresentação das trajetórias sociais na forma de retratos sociológicos, utilizou-se o referencial teórico bourdieusiano em articulação com o

modelo apresentado por Lahire (2007) e Costa e Lopes (2008). Assim, por não pretender abarcar todos os aspectos sociais de cada trajetória, nem esgotá-las ao limite biográfico, entende-se que cada um dos retratos sociológicos possui particularidades, bem como o conjunto aqui apresentado desvela algumas regularidades do grupo pesquisado.

Para cada regularidade encontrada em um conjunto de agentes pesquisados, encontra-se também uma oposição ou mesmo uma interação com outros fatores. Por sua vez, as agentes Amanda, Célia e Gabriela (1, 3 e 7) incorporam ao longo do curso os valores da universidade, com a participação em eventos e a busca pelo vínculo de orientação com os professores. Com uma relação oposta com a universidade, ou seja, de não participação nas atividades acadêmicas, as agentes Bruna, Daiane, Elisa e Fabiana (2, 4, 5 e 6), também demonstram predileção pelo que é prático em detrimento ao que é tido por teórico. Assim, essas quatro agentes relatam não gostar das aulas e de várias disciplinas, pois preferem os estágios e as atividades manuais.

De diferentes formas, a estratégia adotada pelos familiares de Amanda, Bruna, Elisa, Gabriela e Helena (1, 2, 5, 7 e 8) é a educativa, que ocorre por meio da aquisição de materiais escolares e almanaques (1) ou com a escolha dos colégios (2, 5, 7 e 8). Nas famílias de Célia e Fabiana (3 e 6), que apresentam capital cultural insuficiente para o acompanhamento da vida escolar dos filhos, tem-se a figura do irmão mais velho, primeiro da família a ingressar no ensino superior. Ou seja, são legatários do feito realizado anteriormente por esses irmãos. Ressalta-se também que, em ambos os casos, há uma interação com agentes fora do ambiente doméstico que propiciam trocas culturais, o que faz do capital social um dos pontos centrais do prosseguimento nos estudos, pois Célia (3) frequentava uma ONG da qual diz ter sido influenciada por um dos professores e Fabiana (6) diz possuir diversos amigos professores.

Em relação à escolha do curso superior, em quatro trajetórias (Amanda, Daiane, Gabriela e Helena) vislumbra-se aquilo que Bourdieu definiu como “causalidade do provável”, pois: “[...] tendente a favorecer o ajustamento das esperanças às oportunidades, constitui decerto um dos fatores mais poderosos de conservação da ordem social [...]” (2007a, p. 283). Amanda optou pelo curso de Pedagogia pela localidade e pelo recebimento isenção da taxa do vestibular; Daiane não tem um entendimento claro de sua escolha, mas ressalta a localização da faculdade; Gabriela e Helena não prestaram vestibular para suas primeiras opções por não se

julgarem capazes de serem aprovadas, bem como pelo fator localidade. Outro fator representativo da escolha do curso, a proximidade com professores, seja por vínculo de parentesco, como Bruna e Daiane (mães) e Amanda e Fabiana (irmãos), ou por outros vínculos sociais (Célia e Fabiana).

No decorrer das trajetórias sociais analisadas, seus *habitus*, que partiram de diferentes pontos geográficos e sociais, foram sofrendo modificações, pequenos desvios, incorporações diversas e ainda assim se encontraram em uma mesma sala de aula, ainda que com objetivos diversos. Conforme diz Bourdieu:

A autonomia perante o acontecimento imediato, muito mais desencadeador do que determinante, proporcionada pelo *habitus* (e que explode quando um estímulo, fortuito e insignificante, como a cor grosseira de mato em *Passeio ao Farol*, suscita uma reação desproporcional), é correlata à dependência diante do passado que o *habitus* introduz e que orienta em direção a um certo porvir: o *habitus* reúne na mesma visada um passado e um porvir que têm em comum o fato de não serem mais vistos como tais. O porvir já presente só pode ser lido no presente a partir de um passado que nunca é percebido enquanto tal (o *habitus* como legado incorporado sendo presença do passado – ou no passado – e não na memória do passado). (BOURDIEU, 2007a, p. 258).

Verificou-se que, no grupo de oito agentes entrevistados, as singularidades de cada trajetória, as diferentes origens sociais e as diferentes quantidades de capitais, não tendem a representar grandes distâncias sociais. Por outro lado, mesmo com um grande número de regularidades, cada trajetória social é única.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, L. Usos fracos e usos intensos do *habitus*. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R-M. (coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, M. J. M. (Org.). **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1982.

_____. **Pierre Bourdieu**. ORTIZ, R. (org.). São Paulo: Ática, 1983.

_____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A miséria do Mundo**. BOURDIEU, P. (org.). Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

_____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk; São Paulo: EDUSP, 2007b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, S. (org.). São Paulo: Perspectiva, 2009a.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2009b.

BOURDIEU, P; BOLTANSKI, L; SAINT-MARTIN, M. As estratégias de reconversão. In: Durand, José Carlos Garcia (org.). **Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília: INPE, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13596&Itemid=975. Acesso em: 10 jul 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 14 abr 2012.

CICOUREL, A. V. As manifestações institucionais e cotidianas do *habitus*. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007.

COSTA, A. F; LOPES, J. T. (Coord.). **Os Estudantes e os seus Trajectos no Ensino Superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas.** Relatório Final, CIES-ISCTE, IS-FLUP. 2008. Acesso em: 15 abr 2011. Disponível em: <http://etes.cies.iscte.pt/pub.html>

COULON, A. **A condição de estudante:** a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2006.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos:** Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEVIN, J. **Estatística Aplicada a Ciências Humanas.** São Paulo: Harbra, 1987.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 17, Jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Nov. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>.

MUZZETI, L. R. **Trajetória Social, dote escolar e mercado matrimonial:** um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40. São Carlos: UFSCar, 1997 (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 1997.

NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Orgs). **Escritos de Educação** (Pierre Bourdieu). Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 78, p.15-36, abril 2002.

PASSERON, J. C. **O Raciocínio Sociológico.** Petrópolis: Vozes, 1995.

PENNA, M. G. O. Perfil de professores das séries iniciais em escolas públicas de São Paulo. **Revista de Educação Pública.** Cuiabá, v. 18, n. 38, p. 431-447, set./dez. 2009.

SCHRADER, A. **Métodos de Pesquisa social empírica e indicadores sociais.** Porto Alegre: Universidade / UFRGS, 2002.

STEFANINI, D. M. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica:** uma análise a partir de Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros:** o que fazem, o que pensam, o que almejam... Pesquisa nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

UNESP. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras.** Araraquara: FCLAR, 2007. Disponível em: <http://master.fclar.unesp.br/Home/Graduacao//PPP%20PEDAGOGIA.pdf> Acesso em: 07 jul 2011.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: Zago, N; Carvalho, M. P; Vilela, R. A. T. (orgs.) **Itinerários de pesquisa – perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Prezada aluna e prezado aluno, solicito a sua colaboração para a realização de uma pesquisa sobre trajetórias de estudantes do curso de Pedagogia, respondendo às seguintes questões:

☐ DIURNO ☐ NOTURNO

Ano de ingresso no curso de Pedagogia da FCLAr _____

☐ Homem ☐ Mulher

1) Iniciais do nome (não obrigatório) 2) Mês e ano de nascimento/.....

3) Qual a sua renda familiar (soma da renda de todos que residem em sua casa):

☐ até R\$ 1.090,00 ☐ de R\$ 1.091,00 a R\$ 1.635,00 ☐ de R\$ 1.636,00 a R\$ 2.180,00

☐ de R\$ 2.181,00 a R\$ 2.725,00 ☐ de R\$ 2.726,00 a R\$ 3.270,00 ☐ de R\$ 3.271 a R\$ 3.815,00

☐ de R\$ 3.816,00 a R\$ 5.450,00 ☐ de R\$ 5.451,00 a R\$ 10.900,00 ☐ mais de R\$ 10.901,00

4) Quem reside em sua casa além de você? (Vínculo, idade, escolaridade e profissão. Exemplo: irmão, 25 anos, nível técnico, técnico em informática)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

(....., ...anos, ..., ...)

5) Você é casada (o)? ☐ Não ☐ Sim.

6) Tem filhos? ☐ Não ☐ Sim Quantos? _____

7) Você mora em (favor considerar residência de origem e não considerar república estudantil, moradia estudantil, etc.): ☐ residência própria ☐ alugada

8) Em que cidade você residia quando ingressou nesta faculdade?...../.....

9) Qual a escolaridade de seu pai:

e de sua mãe:

Outro responsável:

10) Qual a idade e profissão de seu pai:

e de sua mãe:

Outro responsável:

10) Você trabalha? ☐ Não ☐ Sim. Qual a função que você exerce?

11) Desde que idade você trabalha? anos.

12) Recebe alguma bolsa de estudos? ☐ Não ☐ Sim. Qual?

13) Você possui experiência na área de educação? ☐ Não ☐ Sim.

Qual experiência? ☐ estágio docência ☐ atuando como professor no ensino infantil ☐ atuando como professor no ensino fundamental ou médio ☐ em projeto de extensão em sala de aula ☐ trabalhando como

voluntário em instituição escolar, ONG ou projeto governamental. ☐ no meu trabalho atual ou em trabalhos anteriores, exercendo a atividade de

14) Você cursou o ensino fundamental:

☐ sempre em escola pública ☐ sempre em escola privada

☐ a maior parte em escola pública ☐ a maior parte em escola privada

15) Você cursou o ensino médio em:

☐ sempre em escola pública ☐ sempre em escola privada

☐ a maior parte em escola pública ☐ a maior parte em escola privada

16) Você fez cursinho pré-vestibular? ☐ Não ☐ Sim

☐ cursinho particular ☐ cursinho comunitário ou popular

Por quanto tempo você fez cursinho? anos e meses.

17) Quantas vezes você prestou vestibular até ingressar em Pedagogia? vezes.

18) O curso de Pedagogia era sua primeira opção? ☐ Sim ☐ Não.

Qual era a sua primeira opção?

19) Você fez ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Pedagogia? (Incluir Pedagogia em outra instituição) ☐ Não ☐ Sim, iniciei e não concluí. ☐ Sim, iniciei e concluí. Qual o curso?.....

20) Você tentou obter a taxa de isenção para o vestibular da UNESP?

☐ Sim e não consegui ☐ Sim e consegui ☐ Não

21) Você aceitaria conceder uma entrevista para auxiliar em uma pesquisa sobre trajetória e percurso escolar?

Obs: sua identidade será preservada e os resultados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa educacional.

☐ Sim ☐ Não

Tel. para contato:.....

ou e-mail.....

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS¹

1. Qual é seu nome completo e data de nascimento?
2. Como e quando você tomou conhecimento da existência da Unesp?
3. E da FCL e de seu curso de Pedagogia?
4. Como foi seu ingresso no curso?
5. Em que faixa econômica você situaria sua família? (baixa, média, alta).
6. Quantos membros têm sua família? Qual é a ordem de nascimento? (por sexo)
7. De onde você veio?
8. Qual era a profissão de seu pai? Ele já trabalhou em vários lugares?
9. Qual era a profissão de sua mãe? Ela já trabalhou em vários lugares?
10. Quais são as condições de emprego de seu pai?
11. E de sua mãe?
12. Você tem irmãos? Qual a idade deles? Eles estudam, qual a profissão?
13. Seus pais têm algum problema de saúde?
14. Sua família tinha/tem estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na de seus irmãos?
15. Seus pais são separados? Isso influenciou sua trajetória escolar? Em que ano de escolaridade você estava quando eles se separaram? Mudou suas condições econômicas?
16. Qual era a renda familiar? Em que faixa você situaria sua família?
17. Qual era a profissão de seus avós maternos e paternos? Qual era o nível de instrução deles?
18. Seus avós maternos e paternos moravam na zona rural ou urbana?
19. Qual era o nível de instrução de seu pai e de sua mãe? Por que eles não prosseguiram os estudos?
20. Qual o nível de escolarização de seus tios e tias, primos e primas? Vocês se dão bem?
21. Você tem tios que freqüentaram a universidade? E primos? Existe algum que freqüenta a universidade?
22. Existia em seu círculo familiar algum parente ou amigo que se dedicava aos estudos ou a alguma atividade intelectual que lhe chamou a atenção? Qual a atividade?
23. Existia na sua família ou na vizinhança alguma pessoa que exercia atividade intelectual?
24. Qual o nível de instrução de seus irmãos? Que Curso fizeram? Estão estudando em idade regular? E você?
25. Seus irmãos exercem atividades remuneradas? Ajudam financeiramente a família? E você?
26. Você estudou em escola pública ou particular?
27. Repetiu alguma série?
28. Você era boa aluna?
29. Você participava de atividades como grêmio, jornal estudantil, teatro?
30. Qual disciplina você mais gostava?
31. Sua família participava de sua vida escolar, incentivava os filhos nos estudos?

¹ Roteiro elaborado a partir do modelo utilizado por Muzzeti (1997).

32. Sua família se esforçava para que você estudasse?
33. Quem se interessava mais por questões relacionadas aos seus estudos, seu pai ou sua mãe? Como esse interesse era demonstrado?
34. Como era sua relação com seus professores?
35. Você freqüentou creches?
36. Você freqüentou o jardim da infância?
37. Você cursou o pré-primário?
38. Com quantos anos você começou a freqüentar a escola primária?
39. A creche, o jardim da infância, o curso pré-primário e o primário eram públicos ou privados?
40. Como era sua relação com o professor?
41. Seus pais valorizavam a escola? O que seus pais falavam sobre a escola?
42. O estabelecimento escolar era perto de sua casa? Como você fazia para chegar lá?
43. Você mudou de estabelecimento escolar? Por quê?
44. Houve reprovações nas séries iniciais?
45. Em que idade você concluiu o Curso primário?
46. Você sabia ler, escrever ou contar antes de ingressar na escola primária? Com quem aprendeu? Através do quê?
47. Sua família considerava-o uma criança precoce?
48. Você tem conhecimento de línguas estrangeiras? Qual é língua de seu conhecimento?
49. Houve reprovações nas séries intermediárias? (5^a a 8^a série)
50. Houve mudança de estabelecimento nas séries intermediárias? Por quê?
51. Onde você realizou o ensino médio? Por que você escolheu essa escola?
52. Como era a relação com seus professores?
53. A escola de nível médio estava ligado à perspectiva de trabalho?
54. Como você se relacionava com seus colegas nesse período?
55. Com quantos anos você concluiu o ensino médio?
56. Você precisou trabalhar desde cedo? Com que idade começou a trabalhar?
57. E seus irmãos, todos estudaram? O quê? Eles trabalham? Em quê?
58. Havia diferença de tratamento entre os homens e as mulheres em sua família? Como?
59. E com relação aos estudos, havia diferenças?
60. Tinha biblioteca nos lugares em que você estudou? Você costumava freqüentar a biblioteca?
61. Sua família participava de sua vida escolar?
62. Na sua opinião quais os motivos que justificam tal comportamento?
63. Seus pais verificavam a realização de suas tarefas escolares, incentivavam seu estudo em casa ?
64. Em caso de dificuldade de aprendizagem mais séria, seus pais recorriam ao professor particular?
65. Qual era a posição de seus pais em relação ao seu futuro escolar e ao de seus irmãos?
66. Qual era a posição de seus pais diante do veredicto escolar, da opinião dos professores, etc?
67. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

68. Houve no decorrer de sua trajetória escolar, mudança de estabelecimento de ensino? Por quê?
69. Onde você estudou de 5^a a 8^a séries? E o ensino médio?
70. Esses estabelecimentos eram próximos de sua casa? Como você fazia para chegar lá?
71. A sua família se esforçava para que você estudasse?
72. Seus pais valorizavam a escola? Por quê?
73. Quem lhe dava mais conselhos: seu pai ou sua mãe? Eles queriam que vocês fossem como eles? Por quê? O que eles falavam?
74. Sua família se preocupava com a escola?
75. Qual era a qualidade de seu material escolar? (ensino fundamental e médio) Seus pais se esforçavam para comprá-los?
76. Em relação ao material escolar o que era supérfluo para seus pais?
77. Você teve alguma ajuda de parentes ou amigos para realizar seus estudos?
78. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?
79. Você fez cursinho pré-vestibular? Privado ou popular? Onde? Como pagava?
80. Qual a importância do cursinho para que você tenha ingressado na Unesp?
81. Você sabia da taxa de isenção para os vestibulares? Tentou/ conseguiu?
82. O que você gosta em literatura, música, teatro, cinema, televisão, pintura?
83. Seus pais costumavam viajar? Levaram-no em alguma viagem? Que lugares você conheceu?
84. A sua família era sócia de algum clube? Você costumava freqüentá-lo?
85. Você lia jornais, revistas e livros indicados por sua família? Qual era a sua leitura preferida?
86. Você freqüentava bibliotecas? Com que idade?
87. Você freqüentava livrarias com seus pais? Onde você conseguia os livros? Era um esforço comprar os livros?
88. Qual era seu escritor preferido?
89. Sua família o levava ao cinema? Você freqüentava o cinema? Qual o tipo de filme predileto?
90. A sua família freqüentava shows, recitais, concertos? Levava-o para assistir a algum?
91. Você foi alguma vez quando criança ao Zoológico? Com quem?
92. Com quantos anos você visitou um museu? Com quem?
93. Seus pais lhe compravam brinquedos educativos, jogos educativos, cadernos de colorir?
94. Você toca algum instrumento musical? Com quantos anos começou a aprender?
95. A sua família tinha aparelhos de rádio e televisão? Quais eram os programas vistos ou ouvidos?
96. Qual era a atenção dedicada a estes programas? Eram discutidos?
97. Você tinha um horário específico para estudar? Sua mãe é que estipulava?
98. Você tinha um lugar específico para estudar em sua casa?
99. A sua família costumava discutir sobre política? Tinha algum partido político? Qual?
100. Você freqüentava cinema? Qual o gênero de filme predileto?
101. Qual era sua preferência em matéria de pintura e música?

102. Frequentava o teatro? Onde?
103. Quais os outros lugares que você costumava frequentar?
104. Em sua opinião, essas atividades auxiliaram seu desempenho escolar?
105. A sua família possui carros? Quantos? Qual é a marca, modelo e ano?
106. A sua família possui geladeira, fogão, dvd, freezer etc?
107. Sua família tem casa própria? Quando comprou? A compra da casa mudou a situação da sua família?
108. Você morava / mora no centro, em bairro, zona urbana ou rural?
109. O que representa a casa própria para sua família?
110. Sua família passou por fases econômicas difíceis?
111. Como é/ era sua alimentação?
112. Seus pais recebiam amigos em sua casa? Vocês frequentavam a casa desses amigos? Quem são eles? O que eles fazem?
113. Como era interpretada a função da mulher no interior de sua família? Seus pais a incentivavam a trabalhar fora? E a estudar, morar em outra cidade?
114. Você vai à Igreja? Qual a sua religião? Com que frequência?
115. A igreja influenciou suas escolhas profissionais e escolares? De quais atividades você participava na igreja?
116. Quais os motivos que o levam a prestar vestibular para o curso de Pedagogia?
117. Você teve contato com o orientador pedagógico?
118. Como é que têm sido sua vida esses anos na faculdade?
119. Como foi seu primeiro ano na faculdade? Quais as dificuldades que você teve?
120. O que você sentia pela universidade no primeiro ano?
121. E durante o curso?
122. O que é a universidade pra você?
123. E as regras da universidade, o que você acha?
124. E no segundo e terceiro ano na universidade, mudou alguma coisa na sua relação com a universidade?
125. Qual a importância da Universidade para você e sua família?
126. Quais as atividades culturais que você participa em Araraquara?
127. Como é seu rendimento escolar no interior do curso?
128. Acredita que há diferença entre os alunos que provêm das camadas populares e privilegiadas?
129. Você acredita que todos os alunos têm as mesmas chances diante do sistema de ensino? Você acredita que é possível ter o mesmo rendimento?
130. Qual a classe social das pessoas que estudam com você?
131. Quais as atividades no interior do curso que lhe chamam a atenção? Por quê?
132. Do que você sente falta na universidade?
133. Você teve alguma dificuldade com o curso (as leituras, os colegas, etc.)?
134. E do que você sente falta por não morar com seus familiares?
135. Você possui o mesmo padrão de vida que seus familiares mesmo estando distante?
136. Você trabalha? Como você se mantém como estudante?
137. É bolsista? Do quê?

138. Você é casada (o)? Possui filhos? Qual a escolaridade e a profissão do seu marido / esposa? Ou Você namora? Ele ou ela estuda, trabalha? O que faz? Qual a formação, a profissão?
139. Participa de atividades extracurriculares? Frequenta os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?
140. Você teve alguma dificuldade no curso, com os textos, as aulas, os professores? (dificuldade de interpretação dos textos, de vocabulário, etc.)
141. E para se manter na cidade ou na faculdade, teve algum problema?
142. Como foi a escolha do curso? Por que escolheu pedagogia?
143. E a escolha da faculdade? Por que você escolheu a Unesp? Por que a Unesp - Araraquara?
144. Prestou vestibular em outras faculdades?
145. Era sua primeira opção? Se não, qual era o curso pretendido? Por que não prestou vestibular para o outro curso?
146. Havia alguém em seu círculo de amigos, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão, etc.)?
147. Como foi a escolha da profissão de professor?
148. Você tinha informações sobre outras profissões, outros cursos?
149. Você gostaria de ter estudado outra coisa ou manteria sua escolha? Por que não o fez?
150. Seus pais influenciaram na escolha de sua profissão?
151. O que eles falam sobre você obter o diploma da faculdade?
152. Como a profissão de professor era vista por sua família?
153. Qual sua expectativa em relação à sua profissão?
154. Se você fosse escolher outra profissão, qual escolheria? Por quê?
155. O que você gosta na profissão? O que você não gosta?
156. Você acha que é uma carreira interessante? Por quê?
157. Você acha justo o salário que o professor recebe? Por quê? Quanto você acha que seria justo para um professor receber de salário?
158. Qual você acha que é hoje o principal problema na profissão do professor? O que é mais difícil para você no seu trabalho?
159. Por que você acha que isso ocorre? Como esse problema poderia ser solucionado?
160. O que significa ser professor? Qual é a tarefa básica do professor?
161. Os professores conseguem dar conta dela? Por quê?
162. Você acha que sua profissão exige que você se mantenha culturalmente atualizada? Em relação a quê? Por quê?
163. Você consegue manter-se atualizada?
164. Você acha que ser professor é uma profissão que se distingue de outras profissões? Como? No que é específico?
165. Como deve ser a postura do professor?
166. E a relação com os alunos, como ela deve ser? Próxima, de afeto, profissional, ou outras formas?
167. É possível para o professor ser profissional? Como? Como ele deve agir?
168. O que você considera uma postura que não é profissional, que depõe contra o professor?
169. Você acredita na profissão de professor como uma vocação?
170. Você acha que é uma missão a ser cumprida? Por quê? Em que sentido?

171. Você acha que a escola é diferente em relação a outros ambientes de trabalho? Por quê?
172. O professor é respeitado na sociedade? Por quê?
173. É uma profissão de prestígio na sociedade?
174. E na sua família, é uma profissão de prestígio?
175. Você acha que é uma profissão feminina? Por quê?
176. Você acha que existe preconceito em relação à profissão de professor (primário) por ser exercida em sua maioria por mulheres?
177. Isso desprestigia a profissão de professor?
178. Em que o trabalho de professor é importante para a sociedade?
179. Em que circunstâncias você acha que ser professor se torna uma profissão de prestígio?
180. E por outro lado, em quais circunstâncias não vale a pena ser professor, ou seja, se torna uma profissão desprestigiada socialmente?
181. Qualquer um pode ser professor? O que é preciso para ser professor? E para ser um bom professor?
182. Você acha que o professor é mal visto socialmente? Por quê?
183. E com relação às aquisições culturais: você acha que o ingresso na faculdade ampliou ou reduziu seu patrimônio cultural? Por quê?
184. Pretende dar aulas na rede pública ou privada de ensino?
185. Você sabe qual o salário de um professor? Você acha justo?
186. Profissionalmente, foi uma boa escolha?
187. Condiz com o padrão de vida que espera obter depois de formado?
188. Condiz com o padrão de vida de seus pais? É igual, pior ou melhor?
189. Como espera se inserir no mercado de trabalho?
190. Está dando aulas, monitoria, fazendo estágio, trabalho voluntário, etc.?
191. O que mudou em sua vida após o ingresso no curso?
192. Houve algum fato marcante ou influência de alguém que você acredita ter sido importante na sua escolha profissional?
193. Tem alguma outra coisa que você queira falar sobre a sua trajetória ou sobre a sua formação?
194. Tem algo que queira dizer que não foi colocado?

APÊNDICE C

Tabela 1 – Percurso Escolar dos Estudantes

Ensino Fundamental / Ensino Médio	Estudantes do período diurno	Estudantes do período noturno	Total
Público / Público	12	18	30
Privado / Privado	12	3	15
Público / Privado	5	1	6
Privado (+)* / Privado	2	2	4
Público (+) / Privado	-	2	2
Privado / Privado (+)	-	1	1
Privado (+) / Público	1	-	1
Privado / Público	-	1	1

*(+) corresponde ao maior período

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE D

Tabela 2 – Profissão e escolaridade dos pais dos estudantes

Profissão do Pai	Ensino Fund. Incomp.	Ensino Fund.	Ensino Médio Incomp.	Ensino Médio	Ensino Técnico	Ensino Superior Incomp.	Ensino Superior
Administrador							1
Agricultor					1		
Autônomo	3						
Bancário						1	1
Cabeleireiro				1			
Ceramista	1						
Comerciante	1			2			
Conferente				1			
Construtor Civil	1						
Corretor imóveis						1	
Curtumeiro	1						
Engenheiro civil							1
Escriturário					1		
Func. Público				1			1
Garçom				1			
Gerente de Vendas	1					1	1
Insp. de Qualidade					1		
Mestre de obra				1			
Metalúrgico		1		3			
Microempresário			1				
Militar		1		2			
Motorista	3						
Negociador						1	
Op. de Máquina		1					
Pedreiro	1						
Pintor	1						
Prof. Liberal							1
Rep. Comercial				1			
Sapateiro				1			
Serralheiro			1				
Serviços Gerais*	1						
Téc. Enfermagem					1		
Torneiro	1						
Trabalhador rural	1						
Vendedor				1		1	
Veterinário							1
Zootecnista							1
Sem Resposta	3		1	2			
Total	19	3	3	17	4	5	8

*Acrescenta-se 1 sem indicação de escolaridade

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE E

Tabela 3 – Profissão e escolaridade das mães dos estudantes

Profissão da Mãe	Ensino Fund. Incomp.	Ensino Fund.	Ensino Médio Incomp.	Ensino Médio	Ensino Técnico	Ensino Superior Incomp.	Ensino Superior
Advogada							2
Analista Téc. Adm				1			
Autônoma				2			1
Aux. de cozinha	1						
Bancária				1			
Comerciante	1			1			
Desempregada		1					
Doméstica							
Dona de casa	12	4	1	2	2		1
Educadora							1
Empresária				1			
Enfermeira							1
Func. Pública				3		1	
Gerente de Banco						1	
Manicure		1					
Pedreira	1						
Professora						1	4
Prof. Liberal			1	1			
Secretária				1			
Serviços Gerais	1						
Sem Resposta	5	2		1			
Total	21	8	2	14	2	3	10

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE F

Tabela 4 – Renda Familiar dos Estudantes

Renda Familiar Mensal*	Estudantes do Diurno	Estudantes do Noturno	Total
Até R\$ 1.090,00	7	3	10
De R\$ 1.091,00 a R\$ 1.635,00	6	10	16
De R\$ 1.636,00 a R\$ 2.180,00	3	4	7
De R\$ 2.181,00 a R\$ 2.725,00	2	2	4
De R\$ 2.726,00 a R\$ 3.270,00	4	2	5
De R\$ 3.271,00 a R\$ 3.815,00	4	3	7
De R\$ 3.816,00 a R\$ 5.450,00	2	2	4
De R\$ 5.451,00 a R\$ 10.900,00	3	2	5
Acima de R\$ 10.901,00	1	-	1

*Salário mínimo vigente: R\$ 545,00

Fonte: Dados do autor

APÊNDICE G

Tabela 5 – Primeira opção de escolha do curso superior

Curso	Número de estudantes
Administração Pública	1
Artes Cênicas	1
Biologia	1
Biomedicina	1
Ciências Economicas	1
Ciências Sociais	2
Educação Física	1
Enfermagem	1
Fonoaudiologia	1
Geografia	1
Jornalismo	1
Letras	4
Matemática	1
Medicina	1
Medicina Veterinária	1
N/C	1
Pedagogia	34
Psicologia	6
	60

Fonte: Dados do autor